

DM

Leitura na Escola Municipal Mandacaru

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria das Grotas Pereira Gomes Macedo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

março | 2022

Leitura na Escola Municipal Mandacaru

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maria das Grotas Pereira Gomes Macedo

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

ORIENTAÇÃO

Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira



UNIVERSIDADE da MADEIRA

**Faculdade de Ciências Sociais
Departamento de Ciências da Educação
Mestrado em Ciências da Educação – Inovação Pedagógica**

Maria das Grotas Pereira Gomes Macedo

Leitura na Escola Municipal Mandacaru

Dissertação de Mestrado

FUNCHAL - 2021

Maria das Grotas Pereira Gomes Macedo

Leitura na Escola Municipal Mandacaru

Dissertação apresentada ao Conselho Científico da Faculdade de Ciências Sociais da Universidade da Madeira, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação.

Orientadora: Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira

Dedico este trabalho a minha família, em especial a minha filha Rhuana Malena pelo apoio e dedicação.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por ter guiado durante esse percurso, me ajudando superar as dificuldades encontradas, a ele toda honra e gloria.

A minha família por ter compartilhado comigo esse sonho, por me ajudarem a superar os obstáculos presentes durante o curso, por entenderem as ausências nos momentos de reunião familiares.

À Universidade da Madeira por abrir as portas a nós brasileiros, na concretização desse sonho, em especial aos professores, Dr. Carlos Nogueira Fino e Dra. Jesus Maria Sousa, pela dedicação com esse Mestrado, nos incentivando e contribuindo com nossa formação.

A minha orientadora Professora Doutora Maria Gorete Gonçalves Rocha Pereira pela crítica construtiva na elaboração da escrita desse trabalho.

As minhas amigas de turma Ariana Mattos, Elisa Gomes, Alessandra do Vale e Reasilva Maia pelo apoio, incentivo e contribuição ao longo do curso.

A toda Escola Mandacaru pela abertura e colaboração no processo de pesquisa, em especial a turma pesquisada pelo esforço e contribuição.

RESUMO

A presente dissertação se debruça em apresentar os resultados da pesquisa realizada com o objetivo de compreender se as práticas pedagógicas desenvolvidas por meio do Projeto de Leitura da Escola Mandacaru são inovadoras. A evolução da sociedade da informação, cada vez mais requer que o sujeito tenha um conhecimento avançado capaz de suprir as demandas sociais, portanto torna-se necessário que a escola enquanto espaço formativo busque por meio de suas práticas pedagógicas desenvolver ações que permitam uma aprendizagem significativa, visto que a tecnologia tem feito diversas transformações. No entanto é perceptível que a maioria dos espaços escolares ainda não conseguiram acompanhar esses avanços, pois ainda se percebe a presença de práticas apenas tradicionais, por meio de um ensino mecânico, que não dá espaço para os alunos desenvolver seu senso crítico e sua criatividade, formando sujeitos passivos. Portanto, para que se tenham um avanço nos processos educativos, torna-se necessário que professores busque inovar suas ações. Dentro desse contexto, a leitura, por exemplo, tem sido uma das ferramentas colaboradoras no processo de aprendizagem, mas muitas vezes por ser trabalhada de forma mecânica, faz com que muitos alunos perca o desejo de praticá-la. Nesse intuito é que buscamos pesquisar por meio da abordagem qualitativa do tipo etnográfica se as práticas desenvolvidas pelo referido projeto dentro da Escola Mandacaru no município de Juazeiro, Bahia colaboram com o processo de aprendizagem do aluno, a ponto de serem chamadas de práticas inovadoras. Para aprofundarmos e termos certeza dessa existência buscamos fazer um estudo em teóricos que discutem o conceito de inovação pedagógica e o conceito e importância da leitura. E por meio da Observação Participante e Entrevista etnográfica buscamos verificar com os alunos do 7º ano do Ensino fundamental, professores e coordenação como é desenvolvido esse projeto de leitura. A partir da análise do conteúdo colhido pode-se conceber que as práticas pedagógicas desenvolvidas por meio das ações do projeto tem contribuído com a formação social e aprendizagem significativa dos alunos, pois estes tem espaço para escolher o material a ser lido, criar produções cênicas como peças teatrais, desenvolver rodas de poesias, criarem rodas de leituras em grupo, além disso estão sendo ativos quando se trata de visitação a biblioteca. Como consequência deste projeto os alunos tem sentindo-se motivados a desenvolverem leituras sem ser por exigência da escola, isso representa uma autonomia no seu processo formativo.

Palavras-chaves: Aprendizagem. Leitura. Inovação Pedagógica.

ABSTRACT

The present dissertation has as objective to present the research's results realized with the purpose of comprehend if the pedagogical practices developed by the Reading Project of Mandacaru School as innovative. The evolution of the informed society, increasingly requires that the subject have an advanced knowledge able to supply the social demands, therefore becomes necessary that the school as formative space seeks by its pedagogical practices to development actions that allow a significant learning, since the technology has done different transformations. However, it is perceptible that most of school spaces still cannot follow these advances, because until the present moment it can be noticed the presence of traditional practices only, by a mechanical education, which does not give space to the students develop their critical sense and creativity, forming passive subjects. Therefore, for an advance in the educational processes it becomes necessary that the teachers seek to innovate their actions. In this context, the reading, for example, has been one of the contributor tools in the learning process, but most of the time, for being worked in a mechanical way makes that lots of students lose their interest in practice it. To this end is that we seek to research by the qualitative ethnographic approach if the practices developed by the referred project inside the Mandacaru School in municipality of Juazeiro Bahia corroborate with the student learning process, to the point of being called innovative practices. To go deeper and make sure of the existence we seek to do a study based on theorists that discuss the concept of pedagogical innovation and the importance of reading. And by the Participant Observation and Ethnographic Interview we try to verify with the students of 7th grade of Elementary School, teachers and coordination how is developed this reading project. By the analysis of the content obtained it is conceived that the pedagogical practices developed by the project actions has contributed with the social formation and the students significant learning, because they have the space to choose the material to be read, to create scenic productions, to develop poetry circles, to create group reading circles, and, besides that they are been actives when comes to the library visitation. As consequence of this project the students has been feeling motivated to develop readings that are not required by the school, that's represent a autonomy in their formative process.

Keywords: Learning. Reading. Pedagogical Innovation.

RESUMEN

La presente disertación demuestra los resultados de la investigación realizada con el objetivo de comprender si las prácticas pedagógicas desarrolladas a través del Proyecto de Lectura de la Escuela Mandacaru son innovadoras. La evolución de la sociedad de la información, cada vez más el sujeto tendrá que tener un conocimiento avanzado, que sea capaz de suplir las demandas sociales, por ello, se hace necesario que la escuela como un espacio formativo, busque a través de sus prácticas pedagógicas desarrollar acciones que permitan un aprendizaje significativo, la tecnología ha hecho diversas transformaciones. Sin embargo es perceptible que la mayoría de los espacios escolares todavía no consiguen acompañar estos avances, pues aún se percibe solamente la presencia de prácticas tradicionales a través de una enseñanza mecánica, que no da espacio para que los alumnos desarrollen su sentido crítico y su creatividad, resultando en la formación de sujetos pasibles. Por lo tanto, para que haya un avance en los procesos educativos, se hace necesario que profesores busquen innovar sus acciones. Dentro de ese contexto la lectura, por ejemplo, es una de las herramientas colaboradoras en el proceso de aprendizaje, pero muchas veces es trabajada de forma mecánica, lo que hace con que muchos alumnos pierdan el interés de practicarla. En ese sentido, buscamos investigar a través del enfoque cualitativo del tipo etnográfico si las prácticas desarrolladas por el referido proyecto dentro de la Escuela Mandacaru en la ciudad de Juazeiro, Bahia, colaborar con el proceso de aprendizaje del alumnado al punto de llamarlas prácticas innovadoras. Para profundizar y tener certeza de esta existencia hicimos un estudio con teóricos que discuten el concepto de innovación pedagógica y el concepto e importancia de la lectura. Y a través de la Observación Participante y Entrevista etnográfica buscamos verificar con los alumnos del 7° año de la enseñanza primaria, profesores y coordinación cómo es desarrollado ese proyecto de lectura y a partir del análisis del contenido recogido, se puede concebir que las prácticas pedagógicas desarrolladas por las acciones del proyecto ha contribuido con la formación social y aprendizaje significativa de los alumnos, pues ellos tienen espacio para elegir el material para la lectura, crear producciones escénicas como obras de teatro, desarrollar círculos de poesías, crear círculos de lecturas en grupos, además son activos al visitar la biblioteca, a partir de este proyecto los alumnos se sienten motivados a desarrollar lecturas sin ser requerido por la escuela, eso presenta una autonomía en su proceso formativo.

Palabras clave: Aprendizaje. Lectura. Innovación Pedagógica.

RÉSUMÉ

La présente thèse vise à présenter les résultats de la recherche menée dans le but de comprendre si les pratiques pédagogiques développées à travers du Projet de Lecture de l'École « Mandacaru » sont innovantes. L'évolution de la société de l'information, il exige de plus en plus que le sujet ait une connaissance avancée, capable de répondre aux exigences sociales, Il est donc nécessaire que l'école, en tant qu'espace de formation, cherche par ses pratiques pédagogiques à développer des actions permettant un apprentissage significatif, comme la technologie a fait plusieurs changements, il est cependant perceptible que la plupart des espaces scolaires n'ont pas encore réussi à suivre ces progrès, car nous percevons encore la présence de pratiques seulement traditionnelles, à travers d'un enseignement mécanique, qui ne permet pas aux élèves de développer leur sens critique et leur créativité, en formant des sujets passifs. Par conséquent, pour progresser dans les processus éducatifs, il est nécessaire que les enseignants cherchent à innover leurs actions. La lecture, par exemple, a été l'un des outils de collaboration dans le processus d'apprentissage, mais souvent en travaillant de manière mécanique, fait que les élèves perdent le désir de la pratiquer. C'est dans ce but que nous cherchons à faire une recherche à travers de l'approche qualitative du type ethnographique, et si les pratiques développées par ce projet au sein de l'École « Mandacaru » dans la municipalité de Juazeiro Bahia collabore avec le processus d'apprentissage de l'élève, au point d'être appelées pratiques innovantes. Afin d'approfondir et d'avoir la certitude de cette existence, nous nous efforçons de faire une étude théorique qui discute le concept d'innovation pédagogique ainsi que le concept de l'importance de la lecture. Et à travers l'Observation Participante et l'Entretien ethnographique, nous cherchons à vérifier avec les élèves de la 7ème (collège), les enseignants et la coordination comme est développé ce projet de lecture et à partir de l'analyse du contenu récolté peut concevoir que les pratiques pédagogiques développées à travers les actions du projet ont contribué à la formation sociale et l'apprentissage significatif des élèves, car ils ont l'option de choisir le matériel à lire, créer des productions scéniques comme pièces théâtrales, développer des poesies en groupe ainsi que les lectures, en outre, sont actifs lorsqu'il s'agit de visiter la bibliothèque, à partir de ce projet les élèves se sentent motivés à développer des lectures sans être requis par l'école, cela représente une autonomie dans leur processus de formation.

Mots-clés : Apprentissage. Lecture. Innovation pédagogique.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Localização do Bairro Jardim Primavera na cidade de Juazeiro, Bahia.....	42
Imagem 2: Escola Mandacaru, local de aplicação do presente trabalho.....	42
Imagem 3: A turma dos sujeitos da pesquisa.....	46
Imagem 4: Alunos realizando leituras no período de intervalo entre as aulas.....	74
Imagem 5: Utilização das artes cênicas para interpretação de obras.....	74

LISTA DE SIGLAS

- AEE Atendimento Educacional Especializado
- APP - Associação de Pais e Professores
- BNCC - Base Nacional Comum Curricular
- EJA - Ensino de Jovens e Adultos
- PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais
- PDDE - Programa Dinheiro Direto na Escola
- PDE - Plano de Desenvolvimento da Escola
- PL - Projeto de Leitura
- PPP - Projeto Político Pedagógico
- PROAFE - Programa de Autonomia Financeira da Escola
- SEDUC - Secretaria de Educação
- SESI - Serviço Social da Indústria
- ZDP - Zona de Desenvolvimento Proximal

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	ii
AGRADECIMENTOS	iii
RESUMO	iv
ABSTRACT	v
RESUMEN	vi
RÉSUMÉ	vii
LISTA DE IMAGENS	viii
LISTA DE SIGLAS	ix
INTRODUÇÃO	01
CAPÍTULO I: A BUSCA PELA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA DO SÉCULO XXI	05
1.1 Práticas Pedagógicas e a crise dos paradigmas.....	06
1.2 Inovação Pedagógica: atuação na aprendizagem significativa.....	08
1.3 Inovação Pedagógica: conceito e implicações.....	12
CAPÍTULO II: O PAPEL DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR	17
2.1. A leitura como ferramenta de construção de conhecimento.....	17
2.2. A leitura como processo cognitivo de linguagem e sua função social.....	19
2.3. A leitura na escola e a formação do leitor.....	24
2.4. A biblioteca escolar e sua função na construção social do leitor	28
2.5. A importância da leitura segundo os documentos educacionais brasileiros.....	32
CAPÍTULO III: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONTEXTO DA PESQUISA	37
3.1 Fundamentação epistemológica e metodológica.....	37
3.2. Delineando o tipo de pesquisa.....	38
3.3. O espaço pesquisado.....	41
3.3.1 Estrutura Física.....	44
3.3.2 Hierarquia Funcional.....	44
3.4. Sujeitos Informantes.....	45
3.5. Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados	46
3.5.1. Observação Participante.....	47
3.5.2 Entrevista Etnográfica.....	48
3.5.3 Análise documental.....	50
3.5.4 Diário de campo.....	51
3.6. Análise de conteúdo.....	52
CAPÍTULO IV: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLHIDOS	54
4. 1. A importância da leitura na vida dos alunos.....	55
4.2. A motivação para a leitura.....	57
4.3. A influência da família no hábito da leitura.....	59
4.4. As preferências dos alunos leitores.....	60
4.5. As contribuições da leitura na formação humana.....	63
4.6 Práticas pedagógicas desenvolvida por meio do Projeto de Leitura.....	65
4.7. O que mostra os documentos da escola sobre o Projeto de leitura.....	68

4.8. Projeto de leitura na escola mandacaru: existe inovação pedagógica?.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	76
REFERÊNCIAS.....	80
ANEXOS	
APÊNDICES	

INTRODUÇÃO

A inovação pedagógica dentro da prática escolar requer uma mudança de paradigmas nos métodos de ensino e de aprendizagem dos alunos. Tais mudanças acarretam uma ruptura com os modelos sociais vigentes, assumindo uma postura inovadora em relação ao futuro da educação sendo buscado cada vez mais um contexto onde se distancia das percepções do professor para acentuar o aluno como agente principal no contexto escolar.

É notável que não há mais perspectivas para o ensino tradicional nesse contexto do século XXI, em que se torna um desafio para todos que estão inseridos no processo de educação o compromisso com o rompimento do paradigma tradicional. A reprodução do conhecimento por meio da prática pedagógica da fragmentação deve ser substituída por práticas pedagógicas comprometidas com a construção do conhecimento, que proporcionam aos alunos aprendizagem significativa.

A ruptura com essa escola da reprodução deve favorecer mudanças paradigmáticas de modo que não tenha mais espaço para a passividade dos alunos receptores e repetidores do que é transmitido. Sejam então praticadas atividades que desenvolvem a criticidade e autonomia dos sujeitos.

Destacamos aqui que para que aconteça o rompimento paradigmático é necessário um aprofundamento do conceito de Kuhn (1994) que o define como “constelações de crenças, valores e técnicas partilhadas pelos membros da comunidade científica”.

A escola da contemporaneidade ainda é a mesma do século XIX, a escola fabril, tradicional com os mesmos métodos. Ou seja, o mundo mudou drasticamente enquanto que a escola permanece a mesma, ainda baseado no modelo das primeiras escolas que tinham a finalidade da instrução e modelar os sujeitos para o mercado de trabalho. Seu objetivo era suprir uma carência momentânea da indústria no sentido de desenvolver as habilidades e competências úteis para servir com qualidade, a sociedade industrial.

A antiga ordem precisava de crianças familiarizadas com o trabalho repetitivo, capazes de permanecer entre paredes durante dias a fio, e habituadas, a um mundo de fumo, ruído, maquinaria, disciplina colectiva e espaços superpovoados. Além disso, o homem “industrial” deveria sentir-se à vontade num universo controlado pelo relógio e pela sirene da fábrica, em vez de ser regulado pelos ciclos naturais dos dias e das estações. (TOFLER, 1970 apud FINO, 2011, p.46):

O modelo do ensino desenvolvidos na escola fabril eram reproduções das atividades realizadas nas fabricas, onde os alunos nas salas de aula seriam os operários, faziam produção em série, organização por setores, tendo um coordenador que orienta e fiscaliza o trabalho. Uma

vez que nessa escola era o professor que assumia a responsabilidade de prepará-los para o mercado de trabalho e o gerente (o diretor da escola) que tem o poder de mandar, manter a ordem, e cobrar produção organizando assim, a hierarquização trabalhista.

Esse modelo de escola produzido pela sociedade industrial desenvolvia um ensino limitado, direcionado, preciso e de memorização com a finalidade de obter sujeitos adaptados ao modelo de produção das indústrias e ter mão de obra barata e multidões de pessoas manipuladas e condicionadas a esse sistema. Percebemos que as escolas:

(...) ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de génio industrial (TOFFLER, 1970, p. 393).

Qual era a finalidade desses modelos? A finalidade desses modelos de ensino que produz uma educação técnica e mecanicista é de não formar seres pensantes, mas máquinas de trabalho. Nesse processo os alunos eram entregues com aptidões para mecanização do trabalho. Nesse processo os alunos eram entregues com aptidões para mecanização do trabalho.

No entanto mesmo com a escola ainda realizando essas práticas na sociedade atual surgiram novas propostas que se contrapõe a esse paradigma de ensino e propõe o rompimento paradigmático tendo em vista a necessidade de uma postura nova para a aprendizagem e a construção do conhecimento. Uma prática pedagógica com a necessidade de uma postura do docente a qual perceba a educação na sua amplitude, diferenciada em sua relação professor-aluno, novas práticas pedagógicas que sejam inovadoras. Ou seja:

Romper com os contextos do passado e criar os contextos de que o futuro necessita, o que implica uma redefinição do papel dos aprendizes e dos professores, é, no essencial, a função da inovação pedagógica, constituída por práticas qualitativamente novas, que bem poderiam ser facilitadas ou estimuladas por mudanças curriculares e organizacionais deliberadas, embora essa seja outra questão (FINO, 2001, p.104-105).

Sendo assim destacamos que as escolas devem oferecer aos alunos aprendizagens por meio de práticas pedagógicas qualitativas, tornando o ambiente favorável a construção do conhecimento com vistas para a inovação pedagógica.

O presente trabalho tem como objetivo compreender se as práticas pedagógicas desenvolvidas como estratégias de aprendizagem por meio do Projeto de Leitura da Escola Municipal Mandacaru são inovadoras. Sendo assim, para aprofundar a nossa investigação buscamos estudar os conceitos de inovação pedagógica e leitura, analisar a percepção de aprendizagem dos professores e demais participantes do projeto de leitura na escola e verificar se as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo projeto são inovadoras.

O projeto de leitura na Escola Municipal foi criado a partir da observação dos alunos do ensino fundamental II. Através da observação foi percebido que alguns alunos apresentavam

dificuldades no desenvolvimento escolar devido ao fato de não saberem ler, mas apenas reproduzir e decodificar códigos em leitura em sala de aula.

A leitura por estar relacionada à forma como os sujeitos se apropriam do conhecimento, sendo essencial para a compreensão, o entendimento e a representação de mundo, é hoje um dos maiores desafios enfrentados pela escola. O desenvolvimento do indivíduo nas diversas áreas do conhecimento depende de forma direta da aprendizagem da leitura, por esse motivo deve a escola promover esta como prática social, fugindo do ato de ler como uma ação mecânica e o concebendo como meio para atribuição de sentido a realidade na qual está inserido o discente.

Dentro dessa percepção da leitura como construtora de leitores críticos capazes de compreender e até mesmo transformar a realidade na qual estão inseridos é possível visualizar como o implemento da leitura como atividade social pode ser capaz de gerar inovação pedagógica.

Buscando demonstrar a possibilidade da existência de inovação pedagógica no processo de aprendizagem através das atividades de leitura, apresentamos o texto desse trabalho organizado em quatro capítulos, partindo da construção teórica dos conceitos de inovação pedagógica e leitura até a demonstração prática de tais conceitos através da análise dos dados e resultados do Projeto de Leitura na Escola Mandacaru.

Assim, o primeiro capítulo tratou da conceituação da Inovação Pedagógica. Buscou-se nesse capítulo demonstrar como a evolução do modelo de ensino no tempo exige que novas práticas sejam criadas para adequar a educação a realidade social de forma a se construir uma aprendizagem significativa, evidenciando o papel do professor na construção da inovação dentro do contexto escolar.

No segundo capítulo, por sua vez buscou-se conceituar a leitura e a forma como essa se desenvolve na escola. Fez-se importante tratar da função social do ato de ler e como a formação do leitor depende da efetivação dessa função dentro da escola. Neste capítulo foi descrito também o papel da biblioteca e da interação com o texto para a formação do aluno leitor.

Por se tratar de um trabalho que nasce da análise da vivência de uma comunidade, necessário se faz descrever o processo metodológico utilizado durante o desenvolvimento da pesquisa. Assim, o terceiro capítulo foi dedicado a descrição da metodologia utilizada, o tipo de pesquisa, tendo sido esta qualitativa etnográfica, o que resultou na necessidade da contextualização da realidade social do projeto com a descrição do espaço e dos sujeitos pesquisados.

O quarto capítulo foi por seu turno voltado para a análise e descrição dos resultados da pesquisa realizada. Nesse capítulo buscou também demonstrar se o Projeto de Leitura foi capaz de produzir inovação pedagógica dentro da Escola Mandacaru.

Por fim, sem a intenção de encerrar os diálogos acerca da leitura e sua capacidade de gerar inovação no cenário pedagógico, discorro sobre as considerações pessoais relativas aos resultados apresentados e suas implicações para a transformação da educação.

CAPÍTULO I: A BUSCA PELA INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA ESCOLA DO SÉCULO XXI

Na atualidade, movimentos como a globalização e o avanço das tecnologias, fizeram com que a sociedade venha sofrendo, em todos os seus segmentos pressões para a mudança e para a inovação, inclusive nos seus sistemas educacionais.

A palavra mudança está atrelada a ideia de transformação, de dispor de outra forma. Essa ideia de modificação quando unida a de inovação tem como consequência uma renovação, o rompimento com antigos padrões e o surgimento de novos modelos.

No âmbito da educação a inovação faz surgir novos métodos de ensino e de aprendizagem, uma vez que a interação exclusiva do aluno com os livros didáticos não é mais suficiente devido à predominância da tecnologia e dos recursos digitais no ambiente escolar. Tais mudanças refletem no perfil dos alunos, tornando-os indivíduos que recebem e associam informações muito mais rapidamente, que têm a atenção direcionada para imagens e animações, mas que geralmente possuem dificuldades para absorver os pormenores das informações devido a dificuldades de compreensão na leitura e na escrita.

A inovação está relacionada então ao modo com a escola está estruturada. Para que esta aconteça é necessário que ocorra uma interação entre escola, professores e alunos que permita que todos interfiram no contexto educativo e no processo de aprendizagem de forma efetiva e capaz de gerar em todos o potencial máximo de desenvolvimento e conhecimento.

Segundo Fino (2001, p. 3)

Enquanto na sociedade a evolução da tecnologia faz precipitar o futuro com uma aceleração cada vez mais exponencial, a escola tem continuado a ver aumentar a distância que a vem separando da realidade autêntica, que é a que se desenrola no exterior dos seus muros anquilosados.

Assim sendo, inovar na atuação pedagógica com fundamento em novas bases acarreta uma mudança profunda de mentalidade, tarefa não muito fácil para aqueles que atuam na área educacional. Para que ocorra esta mudança e uma verdadeira inovação pedagógica é preciso haver um rompimento com os modelos sociais vigentes, de forma a antecipar os desafios que serão enfrentados pela educação, servindo como um compromisso ao futuro e como agente de transformação das práticas educacionais em uso e das atuais percepções dos professores, sempre considerando o aluno como agente principal no contexto da educação.

1.1. Práticas Pedagógicas e a crise dos paradigmas

Um paradigma pode ser conceituado como um modelo, um padrão, um exemplo a ser seguido. Assim os paradigmas servem de referência para um determinado grupo estabelecendo normas a serem seguidas e limites a serem impostos para as ações dos indivíduos. O físico e filósofo Thomas Khun (2011, p. 67) em seu livro “A Estrutura das Revoluções Científicas” aduz que:

A investigação histórica cuidadosa de uma determinada especialidade num determinado momento revela um conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias nas suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação. Essas são os paradigmas da comunidade, revelados nos seus manuais, conferências e exercícios de laboratório.

Na educação o surgimento do modelo de ensino e de escola como se vê na sociedade atual foi criado no auge da Revolução Industrial. Baseado no contexto histórico da sua época de criação o modelo tecnicista, carente de reflexão crítica, foi instituído de forma a atender os anseios da sociedade industrial, da pacificação social e do desenvolvimento de homens aptos às exigências do novo modelo de produção, formando um novo tipo de escola: a Escola Fabril.

Esse modelo de ensino voltado para a educação em massa apresentou-se de forma descontextualizada e fragmentada. A educação passou a ser vista então de forma não individualizada, com regras rígidas de ensino e de classe e com o professor ocupando um papel principal e autoritário.

De acordo com Toffler (2001, p. 393):

A solução só podia ser um sistema educacional que, na sua própria estrutura, simulasse esse mundo novo. Tal sistema não surgiu logo; ainda hoje conserva elementos retrógrados da sociedade pré-industrial. No entanto, a ideia geral de reunir multidões de estudantes (matéria-prima) destinados a ser processados por professores (operários) numa escola central (fábrica), foi uma demonstração de gênio industrial.

Essa herança fabril ainda se encontra arraigada na educação até hoje. Verifica-se no modelo de ensino e no cotidiano escolar a organização por séries, o conhecimento fragmentado em tópicos isolados, com aulas de curto prazo iniciadas e terminadas por um sinal sonoro que remete aos das fábricas. Tem a escola funcionado muitas vezes como uma oficina de pessoas, um depósito de informações soltas e sem contexto, organizada como uma grande linha de montagem que despreza o conhecimento prévio e a realidade dos discentes, e que não o encoraja

a ter direito a voz e a uma participação social ativa, capaz de transformar a sociedade à sua volta.

Nas últimas décadas, porém, muitas foram as inovações surgidas na sociedade através da ciência e tecnologia. Essas novidades acabaram por gerar novas formas de compreensão do homem, da sua comunidade e das relações sociais. Dentro desse contexto, pode-se notar que a sociedade atual, não mais pautada no paradigma industrial, vivencia a era do conhecimento, tendo o capital humano mais importância do que o capital financeiro ao contrário do que se vivia na era industrial.

Essas mudanças sociais e o conseqüente surgimento de novas exigências e necessidades pela sociedade levam a rupturas de padrões antigos e ao surgimento de uma crise de paradigmas. Khun (2011, p. 125) destaca que “(..) consideramos revoluções científicas aqueles episódios de desenvolvimento não-cumulativo, nos quais um paradigma mais antigo é total ou parcialmente substituído por um novo, incompatível com o anterior.”

Entretanto, é importante destacar que a passagem de um paradigma antigo para um novo paradigma não é algo que acontece de uma hora para outra, mas pelo contrário é um processo que é construído de forma lenta e gradual. Behrens (2013, p.26) declara que “(...) a superação de um paradigma científico não o invalida, não o torna errado ou nulo, mas evidencia que seus pressupostos e determinantes não correspondem mais às novas exigências históricas.”

Em se tratando de paradigmas educacionais, a crise do paradigma fabril, conservador ou tradicional que se baseia numa abordagem de ensino individualista, mecanicista, pautado na reprodução e repetição do conhecimento, torna necessário o surgimento de um novo paradigma voltado para a totalidade e para a produção de conhecimento.

Ao tratar da construção de um novo paradigma que seja capaz de superar os modelos conservadores e tradicionais de ensino faz-se necessária uma prática pedagógica constituída através de ações que busquem cada vez mais envolver o aluno no processo de aprendizagem e o coloquem como agente crítico, autônomo e capaz de construir seu próprio conhecimento.

Behrens (2013) ao discorrer sobre o paradigma emergente na educação destaca que a prática pedagógica deve ser constituída a partir da aliança entre as diferentes abordagens existentes dos paradigmas inovadores, sendo elas: a visão sistêmica ou holística, a abordagem progressista e o ensino com pesquisa.

Na visão sistêmica ou holística há a busca pela superação do conhecimento fragmentado e o resgate do ser humano como totalidade, com inteligências múltiplas e a formação de profissionais humanos, éticos e sensíveis através da junção dos quatro pilares básicos da educação: aprender a fazer; aprender a conhecer; aprender a ser e aprender a viver juntos.

Na abordagem progressista por sua vez o foco principal é a transformação social. Assim o aluno é visto como um indivíduo que constrói a própria história e como agente capaz de influir no meio que vive e por ele ser influenciado. Dentro desse contexto a abordagem progressista incentiva o diálogo e a discussão e a vivência coletiva como peça chave para uma educação capaz de propiciar uma prática pedagógica crítica, reflexiva e transformadora.

O ensino com pesquisa por sua vez busca a produção crítica, autônoma e investigativa do conhecimento e a consequente superação da reprodução do conhecimento através do incentivo da pesquisa escolar. Para essa abordagem professor e aluno precisam ser parceiros na missão de inovar e produzir conhecimento devendo a escola ser um ambiente inovador, transformador e participativo.

Pode-se perceber que a construção de uma prática pedagógica inovadora deve se voltar principalmente para a superação da reprodução do conhecimento. Deve essa prática desenvolver a educação dentro de uma visão de rede, de totalidade e de interdisciplinaridade entre as diversas áreas do saber, através de um ensino que priorize potencialidades de cada indivíduo e do grupo, de forma a proporcionar a formação de cidadãos atuantes, criativos e críticos.

1.2. Inovação Pedagógica: atuação na aprendizagem significativa

Historicamente a escola foi criada para satisfazer os anseios e as necessidades da classe dominante. Criada para assegurar o modelo social adotado pela classe predominante, a escola foi criada pelo Estado de forma proposital e pensada para assegurar que os jovens enviados a escola tivessem uma educação de acordo com a realidade na qual se encontravam inseridos.

Fez-se necessário então, a ruptura do modelo fabril de escola e o avanço para novas formas de ensino, visto que a escola precisa ser tão atual que nem a tecnologia, como dizia Papert (2008, p. 51) “A mudança é análoga ao surgimento do ensino centrado no desenvolvimento, que evita moldar a mente como se ela fosse um meio passivo e, em vez disso, co-opera com os padrões de desenvolvimento do aprendiz.”.

No contexto de mudanças de paradigmas tem a inovação pedagógica o papel de levar progresso ao ensino e à aprendizagem, assim como a possibilidade de ruptura com disciplinas prontas e estabelecidas num currículo compartimentado e reprodutor do conhecimento que já não atende as necessidades dos alunos nesse novo modelo de sociedade, que exige pessoas com habilidades de refletir interagir e criar.

Fino (2008, p. 113) aduz que a escola está desequilibrada e necessita de uma transformação a partir dos seguintes princípios:

- A educação institucionalizada preserva as práticas tradicionais;
- A inovação pedagógica não é o resultado da formação de professores, ainda que uma boa formação seja muito importante;
- A inovação pedagógica não é induzida de fora, mas um processo de dentro;
- A inovação pedagógica é sempre uma opção individual e local, ainda que possa ser inspirada ou estimulada por ideias ou movimentos de natureza mais geral;
- Dentro da escola, a inovação pedagógica envolve sempre o risco de conflito com o currículo;
- A inovação pedagógica não é sinônima de inovação tecnológica.

Importa destacar que a inovação pedagógica não ocorre somente através do uso da tecnologia. Com isso, a escola precisa realizar mudanças educacionais para consolidar seu papel com a responsabilidade de oferecer aprendizagem e que o uso da tecnologia e dos meios técnicos seja assumido como uma ferramenta para essa finalidade, não simplesmente como mais um aparato que seja usado com aulas tradicionais para aplicação de conteúdos programados.

As teorias que compõem a proposta de um ensino voltado para o uso da tecnologia tendem a serem flexíveis justamente para serem adaptadas à realidade de cada aluno. A máquina surge para proporcionar à humanidade maior facilidade e benefícios nas relações e transformar as informações em conhecimentos construídos.

A inovação pedagógica implica em práticas que visam mudanças qualitativas de posturas e atitudes tradicionais, fundamentadas no modelo fabril e mecânica de ensino, a partir de reflexões, visando a melhoraria dos processos de aprendizagem dos alunos a partir das atividades desenvolvidas, de forma que a inovação implique de fato na criação de indivíduos autônomos, críticos, independentes e proativos dentro da sociedade.

A educação não se dá apenas pela transmissão dos conteúdos. O ensino deve ser voltado para a busca incessante de trazer o aprendiz para dentro do contexto educacional de forma que este construa possibilidades e caminhos para a valorização e efetivação da aprendizagem. Nesse contexto, é de suma importância que o professor promova uma aprendizagem significativa, buscando através da observação o reconhecimento do que o aluno já sabe a respeito do conteúdo a ser estudado e levando em conta o contexto social em que está inserido.

Para o especialista em Psicologia Educacional David Ausubel, o saber prévio do aluno é o fundamento da aprendizagem significativa. Para Ausubel o conceito de aprendizagem significativa se constrói a partir de uma estrutura cognitiva, que vai paulatinamente agrupando

informações na esfera mental do indivíduo para que no futuro sejam ampliadas e reconfiguradas com ideias já apreendidas em etapas anteriores, de forma a relacionar e facilitar novas aprendizagens.

A aprendizagem significativa iria de encontro então com a memorização mecânica de conteúdos exigida de forma constante no ensino tradicional. Assim, não bastaria a memorização de conteúdos soltos e vagos ditos em sala de aula ou lidos em livros, mas seria necessário a associação desses conteúdos a conhecimentos prévios dos discentes.

Nas palavras do estudioso:

:

A Teoria da Assimilação explica a forma como se relacionam de modo seletivo, na fase de aprendizagem, novas ideias potencialmente significativas do material de instrução com ideias relevantes, e, também, mais gerais e inclusivas (bem como mais estáveis), existentes (ancoradas) na estrutura cognitiva. Estas ideias novas interagem com as ideias relevantes ancoradas e o produto principal desta interação torna-se, para o aprendiz, o significado das ideias de instrução acabadas de introduzir. Estes novos significados emergentes são, depois, armazenados (ligados) e organizados no intervalo de retenção (memória) com as ideias ancoradas correspondentes. (AUSUBEL,1980, p.08)

Portanto, a internalização de novas informações e conceitos pode se dar de forma significativa ou mecânica. A mecânica estaria relacionada ao simples ato de decorar, ocorrendo armazenamento da nova informação de forma arbitrária e sem interação aos conhecimentos prévios já existentes, sendo efêmera e geralmente esquecida pouco tempo depois de ter sido adquirida.

Na aprendizagem significativa de forma oposta, a informação se relaciona de forma profunda e não arbitrária a outra já existente. Para que isso ocorra, é imprescindível a existência de uma predisposição a aprender concomitantemente associada conjuntura educacional latentemente significativa, previamente planejada pelo docente e que leve em consideração a realidade em que o discente se insere.

Porém, ao contrário do que se pode inferir Ausubel não trata aprendizagem mecânica e significativa como partes opostas, mas sim como partes seguidas, visto que se após a introdução do conhecimento de forma mecânica houver por parte do receptor a absorção do conhecimento de forma substantivo e associado à estrutura cognitiva preexistente a aprendizagem significativa ali ocorreria.

Segundo Ausubel (1980, p. 41):

A essência do processo de aprendizagem significativa é que ideias simbolicamente expressas sejam relacionadas de maneira substantiva (não-literal) e não arbitrária ao que o aprendiz já sabe, ou seja, a algum aspecto de sua estrutura cognitiva especificamente relevante para a aprendizagem dessas ideias. Este aspecto

especificamente relevante pode ser, por exemplo uma imagem, um símbolo, um conceito, uma proposição, já significativo.

Dessa forma, o professor necessita ter conhecimento dessa técnica de assimilação do conhecimento dentro da aprendizagem significativa, para a partir desse ponto desenvolver planos de aula, métodos e metodologias eficazes.

É necessário também que a escola e seus professores reflitam a respeito de todos os processos da sociedade, sejam eles educacionais, políticos, econômicos ou culturais. Ser professor nos dias atuais requer uma visão ampla e aberta de mundo e todas as modificações que nele vem ocorrendo. Dentro dessa premissa, torna-se imprescindível que a escola acompanhe essas mudanças, refletindo sobre os métodos e técnicas de ensino, adequando os recursos utilizados para as reais necessidades de aprendizagem do aluno.

Dessa maneira, é perceptível que a transformação educacional depende de uma transformação do modelo de sociedade adotado socialmente. Por conseguinte, esse novo modelo de sociedade requer um novo modelo de homem e uma organização de ensino que ampare os desejos antes negados de inclusão social. Para isso acontecer, devem primeiramente ser apresentadas propostas educacionais diferentes para situações de aprendizagem diferentes, ou seja, a prática pedagógica deve se dar de forma autônoma e solidária, promovendo a integração dos alunos através da incorporação de conceitos, inovadores, particulares e inventivos que utilizem os meios tecnológicos de forma a não se restringir a eles.

É possível então perceber que uma escola conectada às inovações pedagógicas é uma escola permeada pela aprendizagem significativa. Nessas escolas o professor é aquele que promove no aluno o desejo de aprender através de práticas de ensino integradoras, não arbitrárias e que proporcionam ao aluno construir sua aprendizagem com autonomia e criticidade.

A inovação pedagógica exige uma mudança de paradigmas no modelo de educação pedagógica. Para isso se faz fundamental que haja transformação tanto na metodologia de apreensão de conhecimento por parte do educando quanto no papel do professor educador, de forma a colocar ambos docente e discente como parte insubstituível e indispensável ao processo de aprendizagem de forma significativa.

1.3. Inovação Pedagógica: conceito e implicações

Quando se fala no tema da Inovação Pedagógica é necessário estabelecer que esta vai além de uma simples mudança relacionada com a prática de algo diferente dentro da sala de aula. Inovação Pedagógica está relacionada a uma ruptura com as práticas tradicionais preexistentes, com a preocupação com os processos e não apenas com os resultados, em uma mudança qualitativa e não apenas quantitativa nas práticas pedagógicas.

Nas palavras de Fino (2011, p.13):

A inovação pedagógica implica descontinuidade com as práticas tradicionais e consiste na actualização, a nível micro, de uma visão crítica sobre a organização e o funcionamento dos sistemas educativos; essa descontinuidade só pode ser planeada e completamente compreendida através de um olhar “de dentro”, do mesmo modo que só “por dentro” se pode actuar visando provocá-la.

Percebe-se que para uma nova educação com novas práticas pedagógicas, faz-se necessário um posicionamento crítico e uma preocupação com a forma de utilização dos novos recursos e materiais didáticos existentes por parte dos docentes e dos discentes.

Seguindo a trilha de pensamento que a Inovação Pedagógica traz consigo uma ideia de novo, de ruptura de paradigmas, há aqui também uma nova assunção de papel para o professor. O professor passa a ter um papel e uma importância secundária, voltado mais para o acompanhamento e desenvolvimento dos alunos que assumem o papel principal na construção de sua própria aprendizagem. Nesse aspecto de inovação o foco é o aluno, e o professor assume o papel de mediador no processo do ensino aprendizagem.

De acordo com Fino (2011, p. 05):

A inovação pedagógica passa por uma mudança na atitude do professor, que presta muito mais atenção a criação dos contextos da aprendizagem para os seus alunos do que é tradicionalmente comum, centrando neles, e na atividade deles, o essencial dos processos.

A inovação pedagógica implica em práticas pedagógicas que visam mudanças qualitativas de posturas e atitudes tradicionais a partir de reflexões, visando priorizar a aprendizagem dos alunos com atividades desenvolvidas em que os alunos as conduzem e o professor é o auxiliar mediador.

Essa abordagem voltada para a aprendizagem como uma construção pessoal e tendo o discente como foco principal pode ser imputado às teorias cognitivas. Entre os pensadores dessa linha de pesquisa e desenvolvimento pedagógico podemos citar Piaget, Vygotsky e Papert.

O construtivismo genético de Piaget, que passou a ter ascensão a partir da década de 70, defendia que a formação e o desenvolvimento do pensamento têm como fundamento a maturação biológica que seguida da interação com o meio que o sujeito estaria envolvido gerariam estágios universais de desenvolvimento.

Para o biólogo, psicólogo e epistemólogo suíço o conhecimento não podia ser adquirido a partir de processos representantes de uma realidade distante e alheia da realidade do sujeito, e sim através de processos adaptativos dessa realidade.

Nas palavras do próprio autor (2010, p. 82):

As funções essenciais da inteligência consistem em compreender e inventar, em outras palavras, construir estruturas estruturando o real. E, de fato, é cada vez mais patente que estas duas funções são indissolúveis e que, para compreender um fenômeno ou um acontecimento, é preciso reconstruir as transformações de que elas são resultantes, e ainda que, para reconstituí-las, faz-se mister primeiramente elaborar uma estrutura de transformação, o que supõe uma parte de invenção ou de reinvenção (p. 35).

Nota-se que segundo Piaget o conhecimento e o desenvolvimento parte principalmente de processos internos. O indivíduo estaria então em constante aprendizagem, até mesmo quando não ensinado, visto que vive em constante interação com o ambiente em que está inserido.

(...) O problema é que os processos de inovação pedagógica, sem os quais a escola e os seus procedimentos fabris permanecerão encurralados no séc. XIX, têm muito pouco, ou nada, a ver com a didática e as suas técnicas de planificação e transmissão, por muito sofisticadas que possam ser. A inovação pedagógica passa exclusivamente pela matemática, o que implica a autonomia e o protagonismo do aprendiz e a redefinição do papel do professor, com todas as consequências dessa migração do aprendiz, da periferia para o centro dos processos de ação e de construção. Consequências sobre a própria escola, bem entendido, que tem de ser outra coisa. (FINO, 2013, p. 258)

Dentro desse contexto apontado por Fino (2013) a criança seria vista como próprio arquiteto do seu conhecimento, conferindo ao educador não mais um papel de comandante, mas sim de facilitador. O educador seria assim, aquele capaz de criar oportunidades e situações para que o educando possa adquirir conhecimento de forma independente, a partir de seus descobrimentos em contrapartida à absorção de informações prontas passadas através de memorização.

Vygotsky, por sua vez, defendia que as funções cognitivas apareciam duas vezes no desenvolvimento cultural dos indivíduos: primeiro no plano social, Inter psicologicamente e,

só depois, no plano social, intrapsicologicamente. Desse modo, servindo como motivação, não somente à exigência de métodos ativos de ensino, mas principalmente ao papel efetivo vertical e interação horizontal, como apoio efetivo dos processos cognitivos.

O psicólogo, proponente da Psicologia cultural-histórica, acreditava que na mente de cada aprendiz existia uma Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), que simbolizava a disparidade entre o que um aluno é capaz de fazer sozinho e aquilo que é capaz de atingir com a ajuda de uma pessoa mais capaz, como o professor, ou em interação com outros alunos mais avançados na matéria.

A ZDP e a mediação social são uma perspectiva de Vygotsky, onde sugerem uma reorganização do papel tradicional do professor no contexto da turma, de modo que lhe seja possível auxiliar de perto o aluno, direta ou indiretamente, proporcionando-lhe apoio e recursos, de modo que tenha a capacidade de aplicar um grau superior de conhecimento sem uma possível ajuda. Entretanto, a interação social citada como educar, de acordo com Vygotsky, é uma interação bilateral, que envolve a criança e o adulto, e que acontece na ZDP daquela.

Segundo Vigotski (2010, p. 87-88) “O aprendizado é considerado um processo puramente externo que não está envolvido ativamente no desenvolvimento”. Dessa forma, a aprendizagem presume um conhecimento obtido previamente, antes mesmo do conhecimento formal repassado pela escola. Partindo desse pressuposto, aduz o autor que (2010, p. 92) “O aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas.”.

Ressalta-se que o nível de desenvolvimento potencial de uma criança hoje, poderá ser amanhã, o seu nível de desenvolvimento real. Assim sendo, se faz necessário o diagnóstico minucioso no reconhecimento da ZDP como guia de fixação dos currículos e dos ambientes de ensino, evidenciando os pensamentos de Papert (2008) sobre a função do professor na construção de possibilidades para a criação do aprendizado. O docente desempenha a função de mediador entre os desenvolvimentos real e potencial, isto é, deve ele agir na ZDP, facilitando a aproximações do conhecimento pelo aluno aprendiz, orientando-o para a obtenção de uma nova aprendizagem.

A composição do aprendizado ocorre através da demonstração pelo sujeito do interesse em alcançar a simbolização de seu aprendizado de forma prazerosa, enriquecendo sua prática. Esse aprendizado designou do Construcionismo, bem debatido por Seymour Papert cujas hipóteses encontram semelhanças no construtivismo e na teoria de Vygotsky.

Segundo Papert (2008) o papel do docente deve residir, essencialmente, em impregnar o local de aprendizado com os nutrientes de cognição com os quais os discentes desenvolvem

conhecimento. Além de ser proporcionar aos alunos mecanismos necessários a uma total exploração dos nutrientes de cognição existentes. Enquanto no construtivismo o sujeito é apontado como construtor ativo e a oposição aos padrões passivos de aprendizagem, a visão construcionista vai um pouco além, ao dar ênfase as criações individuais do sujeito, que são externas e partilhadas.

Papert (2008) ainda aponta, como pressuposto da criação do conhecimento, uma aprendizagem voltada, ao contexto de origem, a transação social da informação, que é o procedimento através do qual os alunos criam e põem em práticas suas construções em contato com outros sujeitos e com a sociedade como um todo, e a colaboração, elemento fundamental para o teste e negociação do conhecimento.

O Construcionismo propõe que a criança elabore suas próprias estratégias para criar o conhecimento desenvolvendo suas percepções e controle do eu. Em suas definições sobre o Construcionismo, Papert (2008) o define como sendo uma reconstrução pessoal do construtivismo, onde o aluno desenvolve o conhecimento próprio, porém sem descartar o aspecto instrucional, reconhecendo a relevância das ferramentas facilitadoras para essa construção, tendo a escola um papel de grande importância nesse processo de fornecer condições necessárias para que o aprendiz tenha a capacidade de criar. Reafirmando essa visão, Piaget (2010, p. 47) afirma que:

Vê-se que a escola deve desenvolver-se e orientar-se com tais capacidades para daí extrair uma educação do espírito experimental e um ensino das ciências físicas que insista mais sobre a pesquisa e a descoberta do que sobre a repetição.

Os construtivistas vêm a algum tempo queixando-se da natureza ativa da percepção e evidenciando a inexistência de uma relação de causalidade entre a aprendizagem e o ensino. Esta forma de enfrentar a problemática é em si mesma uma maneira relevante de se colocar nos papéis do docente e discente, ainda que a reflexão se dê dentro da escola fundada a partir do paradigma fabril.

O aprendizado é efetivado através da interação com o indivíduo e com o ambiente. Para tanto a escola contracenava com o protagonista principal – o aluno - que permitem a escola ir ao encontro das novidades para que o aluno detenha os olhos na janela em busca de algo que lhe provoque investigar, que seja interessante e claro prazeroso. Nesse entorno, surge a família que acompanha de perto as inovações, com a finalidade de comprovar como se consolidam as informações com o uso, por exemplo, do computador na escola como uma ferramenta que

possibilita ao aluno descobertas e a construção das ideias, não apenas como simples utilização de objetos.

A partir de então surgem os questionamentos. Será que essas escolas têm conseguido acompanhar as mudanças da sociedade globalizada para oferecer aos alunos um ensino que consiga atender as necessidades de todos no âmbito da formação moral e intelectual e assim os mesmos terem condições de competitividade nessa nova sociedade?

Faz-se importante refletir sobre importância da inovação pedagógica e como esta pode propiciar alterações nas práticas pedagógicas, proporcionando uma nova concepção de escola, novos paradigmas educacionais visando uma verdadeira mudança na atitude dos docentes, na interação professor-aluno e principalmente, na relação de aprendizagem.

CAPÍTULO II. O PAPEL DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

A leitura influencia de forma direta a vida das pessoas especialmente em relação ao seu modo de pensar e de agir, falar de leitura é falar da história de mundo.

A relação do homem com o mundo da linguagem pode ser associada ao início da criação da escrita, visto que a partir do surgimento desta se tornou possível o arquivamento da cultura e da história da sociedade através dos pergaminhos, do livro e, atualmente, dos meios tecnológicos como computadores, celulares e afins. Tais veículos, responsáveis pela conservação e disseminação da história individual e coletiva dos povos.

A consubstanciação dessa história se torna efetiva a partir da leitura, atividade complexa que torna capaz a reflexão e a compreensão da cultura do povo em arquivo, podendo ser compreendida sob vários aspectos. Pode assim a leitura ser meio de informação, de lazer, de descobrimento de conhecimento de si mesmo e de mundo.

Segundo Paulo Freire (1995, p.19-20):

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

A leitura não pode então ser compreendida como uma atividade individual ou abstrata. O processo de ler sempre envolverá emoções, conhecimentos prévios e experiências dos leitores, e a compreensão de um texto não poderá ocorrer de forma separada de tais finalidades.

Assim, sendo, e devido à grande importância histórica e cultural para os povos, deve a leitura fazer parte do cotidiano da sociedade, estando o conceito e a prática da leitura vinculados a concepção de língua, enquanto que esta, está diretamente relacionada a forma como o ser humano constrói a si, ao espaço e ao tempo em que está inserido.

2.1 A leitura como ferramenta de construção de conhecimento

A leitura pode ser compreendida como uma forma de constituir a possibilidade pedagógica de co-construção de conhecimentos. Essa possibilidade surge a partir do diálogo existente entre os sentidos atribuídos ao texto pelo autor e aos dados e pelo leitor.

Pode então, a leitura, ser definida como um processo de descobrimento e de atribuição de sentidos ao texto. Porém, para que esse processo aconteça de forma efetiva é necessário que

a leitura vá além de um processo mecânico, é necessário que o leitor realize a leitura de forma a fazer uma verdadeira reflexão sobre as palavras que compõem o texto.

Segundo Edgar Morin (2011, p.34) “O conhecimento das informações ou dos dados isolados é insuficiente. É preciso situar as informações e os dados em seu contexto para que adquiram sentido.”.

Quando se fala em desenvolvimento humano estamos preocupados com a formação integral do indivíduo, capacitando-o para viver em uma sociedade pluralista, em permanente processo de transformação. Isto implica que, além das dimensões cognitiva e instrumental, sendo esta última representada pela aquisição de códigos de representação das informações e dos conhecimentos construídos, é preciso também trabalhar a criatividade, a responsabilidade social, juntamente com os componentes éticos, afetivos, físicos e espirituais.

Acreditar no poder e no potencial da leitura na vida do ser humano é a inspiração que todo educador precisa para cumprir o papel social da escola, afinal ela é fator decisivo no desenvolvimento de todos os aspectos relacionados à aprendizagem. No entanto, representa um dos maiores problemas que as escolas enfrentam, pois as dificuldades apresentadas pelos discentes são inúmeras e exigem o repensar da prática pedagógica para que novos resultados possam ser contemplados.

O papel principal da escola deveria possibilitar que seus alunos sejam capazes de assumir, de forma efetiva, um comportamento reflexivo que os tornem agentes conscientes de sua posição e da posição da de sua comunidade em relação à sociedade como um todo, de forma a influir de forma ativa não só na sua esfera pessoal, mas como protagonista da esfera social e coletiva.

Nesse processo de construção de escola onde os discentes assumem cada vez mais o papel principal da aprendizagem, a leitura pode ser entendida como um caminho para uma participação eficiente na sociedade. De acordo com Bamberger (2002, p. 10) “Trabalhar com a linguagem é trabalhar com o homem.”. Por se desenvolver como um processo cognitivo e de linguagem formado pela associação de unidades de pensamento em sentenças, onde o leitor para alcançar a compreensão do texto precisa da interação de diversos tipos de conhecimentos, como o linguístico, o textual e de forma especial de seu conhecimento prévio de mundo, é a leitura considerada uma das formas mais eficientes de desenvolvimento sistêmico de aprendizado da linguagem e da personalidade.

Nas palavras de Almeida (2010, p.44):

Ler é, acima de tudo, ação cidadã. Quando o indivíduo aprende o processo de leitura, ele pode desencadear leituras do mundo, seja pela sua experiência, seja pela sua percepção ou por sua formação, ler o mundo é compará-lo, desconstruí-lo e reinventá-lo a seu modo.

O aperfeiçoamento da leitura é capaz de transformar a capacidade do leitor de aprender de forma completa, transformando em muito mais do que um mero receptor de informações.

A leitura é, quando utilizada de forma eficiente, capaz de remover as barreiras educacionais existentes e de romper com paradigmas sociais existentes, possibilitando oportunidades mais equânimes de educação, através da construção da linguagem e da capacidade intelectual do leitor, aumentando as chances de regularização da condição pessoal do indivíduo.

2.2. A leitura como processo cognitivo de linguagem e sua função social

A leitura pode ser compreendida como uma prática social que remete a outros textos. A partir dessa concepção, considera-se que ao fazer a leitura de um texto, o leitor utiliza-se de todo o seu sistema de valores, princípios e experiências adquiridos a partir da convivência social com o grupo do qual faz parte, para poder compreender o que está sendo lido.

Partindo da análise cognitiva da leitura, ler é um processo que ocorre na mente do leitor. Essa atividade mental, que ocorre em diversos níveis, exige um grande esforço do cérebro e é de suma importância para o desenvolvimento do intelecto do sujeito, visto que durante a leitura o sujeito coloca em uso diversas células cerebrais que são responsáveis por transformar os símbolos gráficos em sentenças e estruturas de linguagem.

O contato regular e constante com textos e uma frequência significativa com a leitura acaba por criar um treinamento cognitivo de qualidade. Esse treinamento, que se desenvolve pela capacidade de reconhecer e antecipar coisas anteriormente percebidas através da compreensão de textos ou experiências prévias, é uma técnica que aumenta e assegura o desenvolvimento intelectual. Assim, pode se compreender a leitura como um dos meios mais eficientes de amadurecimento da linguagem e da personalidade do sujeito.

Entre os diferentes modelos desenvolvidos pelos pesquisadores para explicar o processo de leitura, podemos destacar os modelos hierárquicos ascendente (bottom up) e o descendente (top down). Kato (2007) ao explicar os dois métodos destaca que o processamento ascendente se desenvolve através de uso linear e indutivo das informações visuais, linguísticas, onde o leitor constrói o significado através da análise e síntese da compreensão do texto pelas partes.

O contrário aconteceria no processamento descendente, que seria uma abordagem não-linear, que faz uso intensivo e dedutivo de informações não visuais, a partir do todo e da função para a forma.

Ainda de acordo com Kato (2007) esses modelos poderiam explicar e diferenciar os tipos de leitores. Teríamos a partir dessa premissa, três tipos de leitores. O primeiro seria aquele que faz o uso primordialmente do processo descendente, em detrimento do ascendente, esse leitor seria o que aprende de fácil as ideias globais do texto, fazendo sempre uso do seu conhecimento prévio em prejuízo das informações efetivamente dadas pelo texto. Tal leitor, devido a forma dedutiva de leitura, seria um leitor mais rápido e fluente.

O segundo tipo de leitor seria aquele que utiliza primordialmente o processamento ascendente, construindo assim o significado através das informações trazidas pelo texto, fazendo poucas deduções, sendo ao contrário do primeiro tipo de leitor, mais devagar e menos fluente, por não saber fazer diferenciação entre o que é realmente importante no texto e o que é apenas ilustrativo e redundante. O terceiro tipo de leitor, por sua vez, seria o leitor maduro, com um nível de leitura mais consciente e ativo e que por isso usa de forma adequada e de forma complementar os dois tipos de processamentos, ou seja, seria o leitor que faz uso de forma conjugada e de acordo com a complexidade do texto do processo ascendente e descendente.

Bristol (2008, p.81) ao descrever os leitores aduz:

A pergunta de quem veio primeiro, o leitor ou o escritor, é como o velho refrão sobre o ovo e a galinha, igualmente impossível de responder. Talvez somente importe dizer que há leitores, em grande parte, eles são mais que um mal necessário. Para outros, como Harper Lee, o ato de ler é tão necessário para a vida quanto os reflexos involuntários que nos mantêm vivos. Para a maioria, a finalidade da leitura é apenas nos fazer ler ainda mais, o que sugere que a oposição entre lúdico e didático seja talvez mais falsa que verdadeira.

Pode se perceber, que o processo de leitura é um processo de interação do leitor com o texto lido. Para essa interação ocorrer de forma efetiva e que resulte na compreensão do texto se faz necessário que o leitor utilize de seu conhecimento prévio, adquirido durante sua vida. Segundo Kleiman (2011) esse conhecimento prévio é formado pela junção de três componentes, ou níveis de conhecimento, sendo eles o conhecimento linguístico, o de mundo e o textual.

Para a autora o conhecimento linguístico é aquele implícito, não verbalizado diretamente ligado ao conhecimento sobre o português e o uso da língua, o conhecimento textual baseia na compreensão do conjunto, noções e conceitos sobre o texto, enquanto que o conhecimento de mundo abrange o domínio do conhecimento informal, formado pelas experiências e pelo convívio social, e o conhecimento formal que seria o enciclopédico. Através

da junção desses três conhecimentos pode o leitor fazer da leitura um ato de conhecimento e compreender o texto indo além de um mero processo mecânico de recepção.

Nesse sentido, a interpretação que se busca com a leitura do texto, depende muitas vezes do objetivo da leitura. O leitor realiza o ato leitura guiado por uma finalidade e essa finalidade muitas vezes é o reflexo dos valores de uma sociedade numa determinada época e sociedade. Isso implica que ainda que o conteúdo de um texto permaneça imutável, seu sentido possa variar de acordo com os objetivos e as finalidades buscadas por leitores distintos.

Nas palavras de Solé (1998, p. 22):

Ainda com relação às implicações da minha primeira afirmação sobre o que é ler, gostaria de ressaltar o fato de que o leitor constrói o significado do texto. Isto não quer dizer que o texto em si mesmo não tenha sentido ou significado; felizmente para os leitores, essa condição costuma ser respeitada. Estou tentando explicar que o significado que o escrito tem para o leitor não é uma tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto, os conhecimentos prévios do leitor que o aborda e seus objetivos.

A leitura compreende a interação entre o sentido concebido pelo autor do texto e a interpretação dada pelo leitor. Assim, para haja o texto é necessário que exista um leitor ativo que o processe e o examine, dando-lhe significação. Essa significação depende das formas e do contexto por meio dos quais é o texto recebido e apossado pelos leitores.

Ler é um processo diário de construção pessoal e intelectual que viabiliza a emancipação dos sujeitos que fazem uso contínuo dessa habilidade. Por meio da leitura, o ser humano absorve conhecimento e o transforma em um processo de enriquecimento de informações pautado de acordo com o objetivo da leitura. Assim, a gama de propósitos do leitor diante da leitura é imenso e variado, podendo ser apenas para lazer, para informar-se sobre fato determinado, para realizar determinada atividade, para certificar um conhecimento prévio entre outras inúmeras funções que ela pode assumir na atividade humana.

Almeida (2010, p. 45) ressalta que:

Diante disso, ler significa muito mais que decodificar signo, ler significa, a partir de então, interagir com um mundo novo, repleto de descobertas, repleto de situações novas e desconfortantes que, muitas vezes, serão pontes entre um mundo e outro. Ler é viagem. Ler é travessia. Ler é caminhada. Ler é um esforço, de onde advém o prazer, muitas, reconfortante e garantidor da continuidade do processo.

Desse modo, pode o livro ser visto como um produto cultural ativo, cuja importância como portador de conhecimento aumenta ao passar dos séculos. Pedras angulares na construção

da vida intelectual e emocional, o livro e a leitura foram alçados pela sociedade como prática social primordial para o desenvolvimento das comunidades.

É a leitura uma das ferramentas que dispõe o cidadão para participar do processo social de forma efetiva. É através dela que a criança, o adolescente e até mesmo o adulto podem acessar e modificar realidades existentes, talvez seja por isso que durante muito tempo o processo de leitura e alfabetização tenha sido privilégio da classe social dominante.

Devido a seu caráter social, os objetivos e as finalidades buscadas através da leitura sofrem influência direta das relações de poder e dos fatos sociais, políticos, e econômicos de cada época. Ao decorrer da vida em sociedade a leitura percorreu vários caminhos, desde o rolo antigo medieval, ao texto impresso e mais atualmente ao texto eletrônico.

Até o século XIX a leitura podia ser vista como um privilégio de uma minoria, porém, os grandes avanços científicos e tecnológicos ocorridos durante esse século fez que mudanças sociais profundas causassem uma ruptura no modo como era estruturada a leitura. Essas mudanças conjugadas com a chegada e o desenvolvimento das ciências da tecnologia e da comunicação no fim do século XX, como o computador e a internet, fizeram emergir uma sociedade globalizada, onde o acesso à informação se dá cada vez de forma mais rápida e global, causando ainda mais mudanças no modo de funcionamento da sociedade e consequentemente no modo como é concebida a leitura.

Nos dias atuais a leitura é apresentada de formas diversas. Seja através de livros, de celulares, de computadores, kindles e similares, a leitura é reconhecida como prática social que possui a função social de comunicar, informar, divertir e fortalecer a aprendizagem e o caráter do sujeito leitor, Fino (2011, p. 288) ao falar sobre tecnologias de informação e educação, destacou que essas “(...) são as extensões que atualmente o homem utiliza para transmitir, difundir, informar, comunicar e produzir uma grande gama de protocolos, regras, dados e conhecimentos que permite aos habitantes do mundo estarem interligados.”.

Britto (apud Souza, 2009, p. 197) aduz que:

Os meios de divulgação e comunicação expandiram, sem dúvida, significativamente a disposição e a variedade de informação, algo que até meados do século XX era da competência da escola. No entanto, isso não significa que a organização do conhecimento e o acesso às formas mais elaboradas de cultura se realizem simplesmente pela interação direta e não dirigida dos sujeitos com as mídias. Ao contrário, apenas a formação cultural sólida o uso apropriado e criativo da informação disponível.

No Brasil o direito a educação e a escola é um direito de todos assegurado pela Constituição Federal. Tal direito é de suma importância, visto que a escola assume a

responsabilidade de iniciar a criança no processo de alfabetização e de leitura. Além disso, por ser um ato de cultura, a prática de leitura depende diretamente das instituições especializadas de ensino e excelência, como a escola, a biblioteca escolar e a sociedade em geral.

Saraiva (2001, p. 23) enfatiza que “Conseqüentemente, cabe à escola mais do que alfabetizar e possibilitar a seus alunos o domínio de um código e, através desse, a convivência com a tradição literária: dela se espera a formação do leitor.” Ler é uma atividade essencial a qualquer área do conhecimento, e devido a isso que permite aos indivíduos a capacidade de se desenvolver. Quando realiza o ato da leitura, o sujeito constrói significados para o que é lido, assim, a base da leitura é a compreensão. Essa compreensão está sempre sendo moldada pela interação dos fatores internos e externos do sujeito que através do processamento mental os traduz em ideias, ações, conceitos que o ajuda a processar o mundo no qual está inserido.

Nas palavras de Lerner (2001, p. 34)

A escola tem a finalidade de comunicar às novas gerações o conhecimento elaborado pela sociedade. Para tornar realidade este propósito, o objeto de conhecimento – o saber científico ou as práticas sociais que se tenta comunicar – se transforma em “objeto de ensino”.

Esse encontro da realidade social e cultural com o sujeito através da leitura e da linguagem é a função primordial da leitura. Sendo a escola o principal espaço para que ocorra essa conscientização, é necessário que esta seja um ambiente onde a leitura seja uma ferramenta ativa de transformação do mundo e do pensamento, onde a compreensão de textos seja um direito legítimo e um meio de exercer e assumir responsabilidades pessoais e coletivas.

2.3. A leitura na escola e a formação do leitor

A leitura está presente nos mais variados segmentos sociais. Dentro desse contexto, assume a escola a responsabilidade de introduzir o sujeito no processo de alfabetização, sendo a instituição legitimada para o ensino da leitura. Durante esse processo de aprendizagem da leitura, possui a escola o desafio de transformar seus alunos membros plenos da sociedade da comunidade de leitores totalmente inseridos à cultura do escrito.

Nesse ciclo de construção de conhecimentos, característico do período escolar, ocupa a leitura um grande destaque. Sendo um processo de compreensão, cujo processamento requer a participação de diversos componentes sejam eles intrínsecos: emocionais, fisiológicos,

neuroológicos, como extrínsecos: econômicos, políticos, culturais, o desafio do ensino da leitura é transformar sujeitos praticantes da leitura e não apenas decodificadores do sistema escrito.

Entretanto, a análise da situação da leitura da escola muitas vezes realça o distanciamento entre o que se busca com a ação pedagógica e o comportamento desejado. O que se observa, especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, é a leitura mecanizada, destituída de comportamento crítico-reflexivo e limitada as exigências escolares impostadas pela instituição de ensino, quais sejam: ler para responder questionários, ler para realizar resumos de texto.

Lerner (2001, p. 27) ao falar sobre o ensino da leitura e da escrita, realça que:

O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou solidarizar-se com o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. Assumir este desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido, que levam as crianças a distanciar-se da leitura por considerá-la uma mera obrigação escolar, significa também incorporar situações em que ler determinados materiais seja imprescindível para o desenvolvimento dos projetos que estejam levando a cabo, ou – e isto é igualmente importante – que produzam o prazer que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos.

A atividade de decodificação do texto, além de empobrecedora do ato de ler, promove a leitura de textos dispensáveis, visto que em nada transformam a visão de mundo do aluno leitor. A leitura é vista como um processo de descrição de um objeto e uma conseqüente memorização do texto, de forma que se anula o leitor produtor para se priorizar o leitor reproduzidor.

Nesse cenário escolar, um dos fatores que influenciam no desafio da formação dos leitores é a própria formação deficiente dos profissionais, que na maioria das vezes não são leitores, porém precisam ensinar a ler. Para Kleiman (2005, p.17) “Para se formar leitores, devemos ter paixão pela leitura.”. Porém, assim como ocorre na maioria das vezes com o aluno e com a população de uma forma geral o professor utiliza a leitura de uma forma limitada, muitas vezes voltadas apenas para a prática profissional.

Ao que parece, a não valorização da leitura por parte do docente acontece devido ao fato da leitura não ter sido importante na sua formação. Dessa forma, se o relacionamento entre o professor e o texto não tiver um significado e se ele não for um bom leitor, muito provavelmente não será ele um bom professor, pois continuará a ministrar suas aulas sem leitura, apenas buscando o cumprimento dos conteúdos didáticos.

Diante disso, percebe-se que um dos primeiros requisitos para que seja um bom educador é que se seja um bom leitor. Um professor que lê e pratica a leitura aumenta as chances que o aluno seja capaz de atribuir ao texto lido sentido, visto que para despertar o gosto e a motivação pela leitura nos alunos é preciso que este o professor esteja ele mesmo motivado pelos livros e pelas leituras ofertadas.

De acordo com Orlandi e Guimarães (1985, apud Suassuna, 2011) ao professor de línguas cabe algumas ações que seriam transformadoras do ensino da leitura. Porém ressaltam os autores que todas essas ações evidenciam a necessidade do professor ser um bom leitor. Entre essas ações podem ser citadas: estabelecer relações entre textos diferentes, estabelecer comparações entre diversas leituras de um mesmo texto e ainda levar o aluno leitor a desenvolver uma familiaridade com um repertório variado de textos.

Além disso, muitas vezes as dificuldades encontradas pelos professores em motivar e estimular a leitura por parte dos alunos, encontra-se na errônea concepção do texto literário, e conseqüentemente do ato de ler. Na prática escolar muitas vezes ainda se reduz a leitura a apreensão do código, não sendo o texto capaz de ativar a sensibilidade do aluno leitor, levando-o a se envolver com o texto.

Saraiva (2001, p.26) descreve que:

A base “ontológica existencial” da linguagem manifesta no discurso a articulação homem-mundo, exigindo que a leitura, assim como o ato produtor que deu origem ao texto, sejam visualizados como fenômeno comunicacional, que integra três protagonistas: texto-mundo-leitor. Isso significa que o leitor aciona as significações do texto, relacionando-as à sua compreensão de mundo. Conseqüentemente é o leitor quem faz o texto falar, e embora esse estabeleça limites às possibilidades interpretativas, é o leitor quem o reconstitui, vinculando as significações à sua condição de sujeito histórico e culturalmente determinado.

Pelo exposto, pode-se perceber a importância da leitura como forma de efetivação de novas aprendizagens. Necessário se faz então, que a leitura na sala de aula e na escola, não seja apenas aquela exigida como cobrança de um determinado conteúdo, mas que esta ocorra como o fenômeno de comunicação que é, sendo expressão artística sintetizadora dos processos histórico-político-sociais o qual se insere no âmbito cultural e que é capaz de provocar no leitor uma análise do seu tempo e de si mesmo.

Por outro lado, um texto que não proporciona um salto de qualidade no aluno leitor em relação a sua visão de mundo, não realiza a função formadora da literatura. Dado isso, é possível afirmar que apenas a leitura entendida como uma atividade social e reflexiva pode oportunizar o surgimento de uma relação criativa, crítica e libertadora com a escrita, que sendo eficaz ampliará a capacidade linguística do aluno.

A tarefa da escola é de estimular nos discentes o prazer pela leitura, porém a forma que a leitura vem sendo oferecida nas escolas faz com que ela não cumpra suas funções mais básicas, visto que a leitura forçada, por motivo de avaliação e com objetivos anteriormente estabelecidos retira do ato qualquer tipo de prazer que a elucidação do texto pudesse provocar.

Suassuna (2011) destaca que a leitura deveria proporcionar “determinadas formas de apreensão/compreensão da realidade”. Segundo a autora, a relação do leitor e o mundo, seja através do conhecimento ou da leitura, é mais eficaz e mais perfeita quanto mais forem as interações descobertas entre as informações do texto, entre as informações da realidade, e entre estas ao mesmo tempo, porém a compartimentalização do ensino dentro da escola, dificulta essas interações. Além disso, destaca também a autora que a interpretação de mundo depende diretamente da abrangência da história de cada leitor, que quanto mais leitura fizer mais capacitado será, porém mais uma vez a precariedade da escola em oferecer um número vasto e diverso de leituras dificulta essa compreensão.

Por último, ressalta que a forma passiva como é colocada a leitura na escola em geral não favorece um posicionamento crítico e ativo por parte do aluno e leitor capaz de transformar a realidade social.

Pode-se perceber que a escola deveria ser concebida como um espaço onde a prática da leitura desenvolvesse nos alunos habilidades por meio das quais pudesse compreender seu universo e nele intervir. Para isso, faz-se necessário que a leitura seja consistente, coerente, permanente e prazerosa, de forma a provocar transformações no sujeito e na sociedade ao seu redor.

Partindo para a prática, para desenvolver um comportamento ativo e crítico nos alunos o ensino precisaria funcionar priorizando e ampliando as habilidades leitoras do sujeito como interlocutor que fala, ouve, escreve e não apenas lê textos. As aulas, em especial as de Língua Portuguesa, deveriam então ser compreendidas como atividades de fala, escuta, escrita e leitura de textos que refletem o uso social da linguagem no dia a dia destes sujeitos.

Tais atividades devem exigir do aluno as habilidades de revisar, corrigir e indagar de forma consciente e não mecânica sobre o que lhe está sendo apresentado, levando a refletir e a acessar seu próprio conhecimento, sua própria capacidade, fazendo uso de uma leitura compreensiva, profunda e detalhada.

Atividade essencial a qualquer área do conhecimento, a leitura está diretamente ligada ao sucesso não apenas acadêmico, mas também o sucesso das mais variadas áreas de desenvolvimento do sujeito como o social, econômico, cultural etc. Na sociedade é a escola reconhecida como centro disseminador da arte literária que permite ao indivíduo a descoberta

de novas formas de viver e se desenvolver, de situar-se diante de si mesmo e da sociedade como um todo.

Porém, cabe ressaltar que não é a escola a única fonte literária presente na sociedade, existindo outros fatores alheios à práxis pedagógica que acaba por interferir na formação do leitor. Um desses fatores que podem ser citados e que acabam por interferir na formação do pensamento letrado do aluno é a família.

No seio familiar, a interação dos leitores com textos escritos pode ocorrer de forma variada. Passando da leitura de bulas, receitas culinárias, jornais, revistas, é inegável que muitas vezes o primeiro contato do sujeito com a leitura se dá através de histórias infantis, prática muito importante para a inserção das crianças no mundo letrado.

Entretanto, é também no contexto família que outros fatores agem na formação do leitor. Por ser uma unidade comportamental, o fator cultural age diretamente no funcionamento da unidade familiar e na sociedade como um todo. Pode então ser percebido uma mudança de padrão em relação ao modo como acontece a leitura no âmbito social, sendo cada vez mais frequente a presença de programas televisivos e jogos eletrônicos no lugar da utilização do lúdico nos encontros familiares.

Juntamente com as mudanças sociais e culturais, o fator econômico não pode ser deixado de lado quando se falar em letramento. As condições socioeconômicas da sociedade brasileira muitas vezes são responsáveis por afastar e dificultar o acesso dos alunos à escola, impedindo-os de se tornarem leitores efetivos e evidenciando os reflexos da estrutura social sobre a educação, visto que o suprimento das necessidades vitais do indivíduo são colocados acima da necessidade de acesso à informação e ao saber.

Ao falar do fator econômico não se pode deixar de citar como esse influencia na produção editorial e na forma como funciona o mercado literário. Voltada para a produção em massa e para interesses mercantilistas, a produção literária sistematicamente se volta para a reprodução e a adaptação de livros que muitas vezes reproduzem modelos estereotipados, graficamente atraentes, porém incapazes de criar nos leitores a capacidade de emitir juízos críticos e que beneficiam o valor de mercado em prejuízo da qualidade cultural e social do produto.

Saraiva (2001, p. 25) destaca que:

Ao contrapor o texto literário e as formas de manifestação da cultura de massa, a família opta pela última; a classe editorial deprecia seu objeto, investindo no valor de troca e não no estético; a escola deixa de exercer seu poder seletivo na valoração do objeto-livro; a sociedade confirma o desprestígio da leitura, instaurando um discurso

hipócrita em que o reconhecimento de sua importância é secundado por políticas educacionais que impedem a realização de um trabalho eficaz.

Deve a escola ser estimuladora da leitura dos mais variados textos e gêneros, colocando-os à disposição dos seus alunos, para que estes possam ler e fazer sua própria análise. A criação de oportunidades para que os alunos possam interagir com uma maior variedade de textos é responsável para a compreensão na prática de como a linguagem funciona. Nesse contexto se evidencia a importância de agências sociais como as bibliotecas, livrarias e feiras literárias, que facilitem a interação do aluno leitor com as manifestações artísticas e literárias existentes.

2.4. A biblioteca escolar e sua função na construção social do leitor

A biblioteca escolar deve ser um lugar especialmente apreciado por toda a comunidade. Sendo um lugar de excelência no incentivo da leitura, muitas vezes se apresenta como único meio de acesso a livros não didáticos por parte dos alunos. Devido a isso, o ambiente bibliotecário deve ser sempre claro, limpo, organizado capaz de proporcionar a alunos, professores encontros especiais com autores e textos, criando uma relação de respeito e valorização do livro, da leitura e do conhecimento de uma forma geral.

Bristol (2008, p.74) afirma que “para o leitor, uma biblioteca é como um banco em que cada retirada puxa outra, mas paradoxalmente, jamais reduz o capital ou o investimento feito a cada saque.”.

A análise sobre a formação do leitor, especialmente no ambiente escolar, terá sempre um viés voltado para as bibliotecas escolares. Dentro desse contexto, faz-se importante refletir sobre sua organização, condições de funcionamento e as formas de interação entre a comunidade e o acervo literário existente nas escolas.

Antunes (2015) ao discorrer sobre as bibliotecas escolares defende que apenas um local onde se guardam livros não é suficiente para se caracterize-se uma biblioteca. O autor defende, em primeiro lugar, que o acervo literário deve ser adequado ao perfil dos alunos, sendo dotados de livros que vão além dos didáticos e incorporem obras de literatura infantil e infanto-juvenil.

Além disso, defende também o autor que só o material adequado ainda se mostra insuficiente. Para Antunes a existência da biblioteca está diretamente ligada ao uso que dela se faz, assim deve o espaço ser, nas palavras do autor (2015, p.53) “organizado, dinâmico, vivo, frequentado por alunos, professores, direção e técnicos da escola, e até pelas famílias dos alunos.”.

Na mesma esteira de Antunes, Silva, Ferreira e Scorsi (apud Souza, 2009) também defendem que apenas a garantia aos estudantes ao acesso de uma boa quantidade e diversidade de livros não é suficiente para a formação do leitor. Para as autoras, é imprescindível que ocorra capacitação dos professores, agentes de leituras e de todos os envolvidos no desenvolvimento do aluno leitor para que a experiência com a leitura seja estimulada de forma eficiente e eficaz e capaz de gerar um interesse próprio do leitor.

O que se percebe é que a biblioteca escolar deve estar organizada de forma que possa proporcionar aos alunos e a comunidade como um todo a busca pela leitura. Porém, o que se observa na maioria das escolas públicas é o descaso com a biblioteca. Há, em grande parte dos estabelecimentos de ensino, ausência de bibliotecas, ou quando esse espaço existe não aproveitado da forma que deveria, sendo utilizado apenas como depósito de livros, sem uma organização pedagógica e sem haver integração entre este espaço e processo educativo da escola.

Partindo do pressuposto que o espaço literário deveria ser lugar de segurança e conforto é necessário que se estabeleça alguns parâmetros para se estruturar uma biblioteca. Silva apud Souza (2009), estabelece alguns padrões que devem observados na organização do espaço literário na escola. Além de um espaço físico que comporte pelo menos uma turma de alunos devendo ter no mínimo o tamanho de uma sala de aula, o autor defende que o mobiliário e o acervo devem se adequar ao perfil dos alunos que irão frequentar a biblioteca.

Nesse contexto, deve o mobiliário ser seguro, estável e resistente, de forma a não oferecer risco à saúde dos alunos e de facilitar a interação em grupo e individual. Ademais quando a organização do espaço defende o autor a criação de duas zonas: a formal e a informal.

A zona formal seria a responsável por recepcionar o aluno e o encaminhar para aquilo que deseja, sendo composta pela entrada, recepção e pelas mesas de estudo e do mediador. A zona informal, por sua vez, seria o espaço responsável por proporcionar ao leitor uma área onde pudesse se sentir à vontade para desfrutar da leitura. Nessa zona o acervo deve estar disposto de forma a facilitar o acesso direto do aluno de forma mais descontraída e informal.

Nas palavras de Silva apud Souza (2009, p.118) “A biblioteca escolar trará benefícios para o contexto escolar se não for tratada como peça decorativa, mas como um organismo vivo que emana para toda a comunidade escolar possibilidades distintas de conhecer, de sedimentar o que já sabe, de refletir e ampliar a compreensão do mundo dos alunos.”.

É no espaço da biblioteca que os alunos podem fazer a pesquisa e o estudo necessários à sua aprendizagem, sendo ela via de cooperação para as ações pedagógicas. Para que essa cooperação se realize de forma eficaz e cumpra a biblioteca sua função não basta apenas

organização, acervo e o espaço físico, mas é fundamental que o mediador, seja alguém dinâmico, capaz de integrar a biblioteca e os alunos, a biblioteca e os professores e a biblioteca e a comunidade.

Assim, se faz necessário que o papel do bibliotecário seja o de motivador cultural para o aluno leitor. Para isso que isso aconteça é preciso o profissional conheça bem o acervo literário, saiba aplicar as possibilidades de dinamização da leitura e conheça bem o perfil da comunidade leitora que está inserido.

Segundo Martins (2011, p. 335) “Cabe ao bibliotecário, no mundo moderno, a função de racionalizar a leitura.”. Segundo o mesmo autor a função do bibliotecário iria além de uma mera função técnica de organização da bibliografia, devendo ser tal profissional no seu contato com o leitor um “conselheiro de leitura” capaz de opinar e sugerir a leitura de livros e publicações necessárias a cada tipo de leitor.

O bibliotecário é fomentador da leitura. Durante o exercício de suas funções deve buscar sempre a promoção de círculos de leitura de textos diversos e a seleção de textos de qualidade capazes de gerar questionamentos críticos e que retratem a realidade social dos alunos. Assim sendo, o nível de interesse do bibliotecário pela leitura influi diretamente no estímulo e na influência que esse irá exercer no jovem leitor, de forma que quanto maior o grau de fascínio do mediador pela leitura maior será sua contribuição para a aproximar o livro da formação do leitor.

Antunes (2015, p. 54) disserta que:

A diversidade do acervo da biblioteca e a programação dos serviços, aliado ao uso que dela pode ser feito (formação de usuários), estimulam a criatividade. O acesso à multiplicidade de documentos, de autores de ideia, as possibilidades de confronto com a realidade e as muitas leituras nela realizadas são elementos importante para o desenvolvimento do espírito crítico. O acesso ao mundo do saber, pela diversidade de fontes de informações presentes em uma biblioteca, enriquece as experiências de leitura e consolida a contribuição da biblioteca para a construção do conhecimento.

Deve a biblioteca escolar ser um espaço propiciador de encantamento pela leitura. Para que seja capaz de gerar tal encanto é importante que o bibliotecário seja mais do que um técnico da informação, mas que assuma também o papel de educador, comprometido com o fomento da leitura e a socialização do saber, objetivando criar nos alunos leitores o senso crítico e a criatividade artística.

Vale ressaltar aqui que a importância do papel do professor no projeto de dinamização da biblioteca escolar. O professor dentro da prática escolar é o responsável pelo planejamento do ensino, dentro dessa conjuntura é desafio desse profissional incentivar os alunos e incutir nestes o prazer pela leitura.

Nesta perspectiva, possui o professor o papel e a responsabilidade de ser o principal incentivador da aprendizagem da leitura. O contato do aluno com o livro e mundo literário começa dentro da sala de aula, o que torna necessário ao professor ser capacitado e provido de conhecimentos teóricos sobre a importância e função da literatura na formação do aluno como leitor, estabelecendo objetivos definidos e certos sobre o trabalho que irá realizar. Tais objetivos e ações para melhores serem implementadas precisam ser conjuntas entre professores e bibliotecários num processo dinamizador da leitura.

Ferreira apud Souza (2009, p. 74) afirma que:

A necessidade de desenvolvimento das negociações da leitura, em sala de aula e na biblioteca, advém da detecção de que a razão de ser da escola e dos seus efeitos sociais não pode se reduzir na vontade de um indivíduo, o professor e/ ou o profissional da biblioteca, ou na vontade dos alunos, mas justamente no campo de forças antagônicas ou complementares, no qual, em função dos interesses associados às diferentes posições e do *modus operandi* dos seus ocupantes, conforme Pierre Bourdieu (2004, p. 81), se geram as vontades e se define e redefine continuamente a realidade e seus efeitos sociais. A sala de aula e a biblioteca, quando representam um espaço democrático, em que negociações sobre textos para leitura são continuamente realizadas, favorecem à formação de leitores críticos que, justamente por isso, passa a valorizá-las.

Assim sendo, o mediador na biblioteca e o professor devem voltar seu trabalho para uma socialização do saber. A leitura deve ser pautada na oferta de uma atividade libertadora capaz de transformar aquele que lê e o mundo no qual está inserido. Esse processo de inserção no mundo literário deve ocorrer de forma prazerosa e fundamentada nas preferências dos alunos, de forma que possam os discentes conhecer através da leitura a sua realidade social, seus direitos e deveres, possam aprender a valorizar a cultura e a sua comunidade tornando-os cidadãos preparados para construir uma sociedade democrática e instruída.

Necessário se faz que o acesso a uma diversidade de gêneros textuais seja facilitado, para que os alunos possam meios e instrumentos que os tornem capazes de enfrentar as mais variadas questões surgidas no seu contexto social. O espaço escolar deve ser o fornecedor desses instrumentos. Através da experiência pedagógica da escola deve o aluno aprender a ler o mundo de forma mais crítica, atribuindo-lhe sentidos e posicionando de forma autônoma e consciente socialmente. A partir da promoção desse ambiente de desenvolvimento pessoal responsável estará a escola cumprindo sua função de formadora de leitores.

2.5. A importância da leitura segundo os documentos educacionais brasileiros

Dentre os objetivos buscados pela introdução e utilização da literatura dentro da escola e do ensino, o mais comum e unânime entre educadores é a formação de leitores. Formar leitores, porém, varia de acordo com a conceituação do que é leitura, quais suas funções e em qual contexto social ela está sendo aplicada. Assim, a formação do leitor varia dentro de cada contexto social e histórico e de acordo com o ideal político adotado pela escola enquanto instituição.

No Brasil, no ano de 1997 o Ministério da Educação disponibilizou uma coleção de dez volumes intitulada Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs. Tal coletânea (BRASIL, 2001, p. 9) foi produzida e lançada com o objetivo de funcionar como um “referencial para a renovação e reelaboração da proposta curricular”, reforçando a importância da construção por cada escola de sua proposta educacional voltada a melhoria da educação e a partir da colaboração de toda a equipe.

Na busca dessa melhoria da qualidade do ensino os PCNs enfatizam a importância de se conceber uma prática educativa adequada as necessidades reais da sociedade brasileira em todos os seus segmentos, sejam eles econômicos, políticos ou culturais. Para isso institui como objetivos do ensino fundamental que os alunos se tornem capazes de: (BRASIL,2001):

- Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito;
- Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas;
- Conhecer características fundamentais do Brasil nas dimensões sociais, materiais e culturais como meio para construir progressivamente a noção de identidade nacional e pessoal e o sentimento de pertinência ao País
- Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais;
- Perceber-se integrante, dependente e agente transformador do ambiente, identificando seus elementos e as interações entre eles, contribuindo ativamente para a melhoria do meio ambiente;
- Desenvolver o conhecimento ajustado de si mesmo e o sentimento de confiança em suas capacidades afetiva, física, cognitiva, ética, estética, de inter-relação pessoal e de inserção social, para agir com perseverança na busca de conhecimento e no exercício da cidadania;
- Conhecer e cuidar do próprio corpo, valorizando e adotando hábitos saudáveis como um dos aspectos básicos da qualidade de vida e agindo com responsabilidade em relação à sua saúde e à saúde coletiva;
- Utilizar as diferentes linguagens — verbal, matemática, gráfica, plástica e corporal — como meio para produzir, expressar e comunicar suas ideias,

interpretar e usufruir das produções culturais, em contextos públicos e privados, atendendo a diferentes intenções e situações de comunicação;

- Saber utilizar diferentes fontes de informação e recursos tecnológicos para adquirir e construir conhecimentos;
- Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica, selecionando procedimentos e verificando sua adequação.

Percebe-se que na construção teórica os PCNs evidenciam a necessidade de a educação ser vista como uma prática social que promove condições para que os alunos se tornem sujeitos capazes de compreender e moldar a realidade social em que estão inseridos. Nesse contexto a educação seria um instrumento de criação da cidadania e democracia.

Quando trata o ensino da Língua Portuguesa, reconhece os PCNs que a língua proporciona ao sujeito a capacidade de significar o mundo e sua realidade. Devido a isso estabelece entre seus objetivos para o ensino do português, dentre outros (BRASIL, 2001, p.41-42, volume 2):

- Compreender os textos orais e escritos com os quais se defrontam em diferentes situações de participação social, interpretando-os corretamente e inferindo as intenções de quem os produz;
- Valorizar a leitura como fonte de informação, via de acesso aos mundos criados pela literatura e possibilidade de fruição estética, sendo capazes de recorrer aos materiais escritos em função de diferentes objetivos;

Os PCNs enquanto diretriz a ser adotada na estruturação do ensino nacional faz questão de enfatizar o valor da educação como meio de mudança social. Esse valor também é atribuído conseqüentemente ao ensino da linguagem, visto que o domínio da língua está diretamente relacionado ao crescimento do aluno como cidadão que atua de forma plena na realidade social pois é por meio da língua que o homem tem acesso à informação, a cultura e pode se comunicar e se expressar. Já a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), está pautado que, “(...) aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social”. (BRASIL, 2018, p. 59)

Porém, o que se observa é que a realidade da escola e da prática pedagógica vai na contramão dessas orientações. Especialmente quando falamos em ensino da leitura, o que se observa no dia a dia da prática escolar é a formação de leitores capazes de realizar apenas a decodificação mecânica do texto, mas na maioria das vezes incapazes de compreender e significar o que está sendo lido.

Nas palavras de Rodrigues (1993, p. 81):

Na sua tarefa específica, ligada à transmissão de à produção do saber, a escola não tem sido capaz de superar a incapacidade, já crônica, de levar alunos analfabetos das classes populares a um domínio completo do instrumento da leitura e da escrita. Na difusão, produção e informação cultural, padece do mal da incompetência no domínio dos mais elementares valores da cultura local, nacional e mundial

O ensino da leitura deve ser compreendido acima de tudo com instrumento da prática social. Ao ler um texto, o leitor está executando uma atividade de interação com o autor, com a história do texto e com a sua própria história. Dessa forma, uma renovação da prática educativa através da leitura começa da aproximação do ensino à realidade do aluno.

Lerner (2001, p. 35) ao tratar do assunto enfatiza que “A versão escolar da leitura e da escrita não deve afastar-se demasiado da versão social não-escolar.”. Dentro desse contexto, a leitura dentro da escola deve sempre levar em consideração o nível de conhecimento prévio do aluno e deve ser ofertada de forma a possibilitar o acesso a uma maior diversidade dos textos e gêneros, objetivando aumentar o nível de compreensão da realidade por parte do leitor, levando-o a sair do senso comum e em direção a formulação de um senso crítico mais elaborado e organizado.

Aqui surge outra dificuldade enfrentada pelo ensino da leitura: a função do professor na prática pedagógica. Na condução da leitura, deve o professor assumir um papel mais amplo que apenas de transmissor de conhecimento. O professor deve levar deve ser capaz de conduzir o aluno a compreender a realidade cultural, social e política. O discente deve ser guiado a compreender sua experiência de vida, para que possa se tornar capaz de interferir na realidade em que vive.

O docente, deve ser então, ser formador de cidadãos críticos e participativos. Para isso deve o professor incentivar dentro da escola e durante o ensino da leitura a interação do aluno leitor com o texto. Para que isso ocorra, é necessário que haja a valorização do conhecimento prévio do aluno, de forma a tornar mais significativo o processo educativo e de tornar possível a significação do ensino por parte dos discentes.

Rodrigues (1993, p. 87) defende que:

O professor não pode imaginar que a sua tarefa é apenas a de transferir para os alunos o saber impresso no livro didático. Ele se recusa ao exercício do pensamento quando julga que sua única tarefa é transmitir um programa preparado para fora, pelo serviço de supervisão ou pela editora que veicula o livro didático. O livro é um instrumento de trabalho, é um referencial, não uma lei, e não pode deter a totalidade das atividades que serão desenvolvidas. O professor deve lembrar que o aluno carrega consigo uma experiência de vida que deve levada em consideração no momento da aprendizagem, qualquer que seja o tempo em que esta ocorre.

A discussão sobre o papel do educador como formador de leitores e conseqüentemente a formação de sujeitos críticos e atuantes na realidade social, não se encerra, porém, dentro da sala de aula. A prática pedagógica não se restringe a sala de aula, ou a determinada matéria, mas está relacionada a todo ambiente escolar. O aluno é introduzido ao valor da escola e ao sentido a partir do momento que ingressa no espaço escolar, o que torna todos os responsáveis pelo pleno funcionamento da instituição educadores.

Dessa forma, uma renovação da prática pedagógica leva também a uma renovação dos conteúdos curriculares. Nessa esteira o ensino dos conteúdos precisa ser entendido como um meio para que os alunos possam se tornar capazes de compreender e produzir os bens culturais, sociais e políticos,

Em se tratando do ensino da leitura, a mudança curricular deve ser voltada para uma maior integração deste fora do ensino de Língua Portuguesa. A responsabilidade do estímulo a leitura é dever da escola como um todo, devendo ser fator de combate a fragmentação do ensino e um motor de interação entre os conteúdos e matérias apresentadas na grade curricular.

Ao desenvolver a capacidade de ler de forma crítica e consciente o aluno tende a aumentar sua possibilidade de sucesso em todas as áreas do conhecimento. Assim, enquanto prática social a leitura deve ser incentivada e ensinada pelo professor de língua portuguesa, por ser esse o responsável pelo ensino da linguagem, e pelos demais professores enquanto necessária ao desenvolvimento completo da compreensão.

Kleiman e Moraes (1999, p. 30) discorrem que “A leitura poderia ser caracterizada como atividade de integração de conhecimentos, contra a fragmentação. Devido à abertura que o texto proporciona ao leitor para relacionar o assunto que está lendo a outros assuntos que já conhece, ela favorece, no plano individual, a articulação de diversos saberes.”.

Observa-se que uma renovação pedagógica do ensino da leitura está voltada para o aprendizado desta a partir de uma prática social. Nesse cenário, deve a escola e os professores aproximarem o ensino da realidade social do aluno, de forma a possibilitar uma identificação deste com o conhecimento e com a informação. Só a partir desta interação será possível a construção de um significado para a leitura e para a educação, e poderá a escola alcançar sua função social de proporcionar aos discentes um completo domínio da aprendizagem.

CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E CONTEXTO DA PESQUISA

3.1 Fundamentação epistemológica e metodológica

A metodologia é um processo para se estudar determinadas situações ou um determinado fenômeno, como é o caso da leitura, é preciso traçar um norte, uma direção, ou seja, os caminhos pelos quais deve-se percorrer para atingir o destino final a qual se propõe. Trata-se da metodologia, cuja contribuição na efetivação da pesquisa é extremamente necessária. É o que afirma Fachin (2006, p.29):

O método científico confere ao pesquisador inúmeras vantagens, oferecendo-lhe um conjunto de atividades sistemáticas e racionais, mostrando-lhe o caminho a ser seguido e permitindo-lhe detectar erros e auxiliando nas decisões. Sua aplicação correta proporciona segurança e economia, e permite obter conhecimentos eficazes, com qualidades essenciais à sua natureza.

A metodologia está relacionada, portanto, ao “como fazer” e proporciona ao pesquisador aquela orientação tão importante e necessária, que o permite traçar hipóteses, coordenar suas ações, realizar experiências, além de analisar e interpretar os resultados. Trata-se, na verdade, da trajetória a ser percorrida, dos passos a serem dados, com etapas traçadas e dispostas preferencialmente em ordem cronológica, numeradas, especificadas, tornando possível a previsão do tempo necessário para cada atividade, dos recursos, inclusive financeiros, enfim, facilitando e conduzindo a um trabalho mais claro e objetivo. Com ela, apresenta-se o caminho do pensamento e a prática exercida na apreensão da realidade e que se encontram intrinsecamente constituídos pela visão social de mundo veiculada pela teoria da qual o pesquisador se vale. Para explicar essa tendência, MINAYO afirma que:

O processo de apreensão e compreensão da realidade inclui as concepções teóricas e o conjunto de técnicas definidos pelo pesquisador para alcançar respostas ao objeto de estudo proposto. É a metodologia que explicita as opções teóricas fundamentais, expõe as implicações do caminho escolhido para compreender determinada realidade e o homem em relação com ela (MINAYO, 1994, p. 22).

Existem várias maneiras de entender a realidade, assim como há também diferentes posições metodológicas que esclarecerão a construção do objeto de estudo, a postura e a dinâmica que envolvem a pesquisa, dando a visibilidade necessária aos movimentos empreendidos pelo pesquisador.

Ao tratar da metodologia, portanto, destaca-se o fato dela incluir simultaneamente a teoria da abordagem (o método), os instrumentos de operacionalização do conhecimento (as técnicas) e a criatividade do pesquisador (sua experiência pessoal e sua sensibilidade). Ocupa, no dizer de Minayo “um lugar central no interior das teorias e está referida a elas”. Acrescenta ainda que,

Teorias, são explicações da realidade. Elas cumprem funções muito importantes: a) Colaboram para esclarecer melhor o objeto de investigação; b) Ajudam a levantar questões, a focalizar o problema, as perguntas e a estabelecer hipóteses com mais propriedade; c) Permitem maior clareza na organização dos dados; d) E iluminam a análise dos dados, embora não possam direcionar totalmente essa atividade que deve se beneficiar dos achados empíricos, sob pena de anulação da originalidade propiciada pela pergunta inicial. (MINAYO, 2009, p. 17-18)

Sabe-se que a metodologia pode englobar as iniciativas que vão da pré-produção até a apresentação dos resultados encontrados, o pesquisador pode otimizar tempo, recursos e atingir as conclusões mais eficientes, tornando-se mais fácil alcançar êxito no planejamento metodológico que conduzirão seguramente à conquista de bons resultados.

Quando o propósito é descobrir algo sobre o qual ainda não há muitas informações, poderá ser realizado um *estudo exploratório*, mas se pretende chegar a conclusões com capacidade de serem quantificadas de forma direta, optará pelo *estudo descritivo*, ou ainda desvendar os porquês dos fenômenos que já ocorreram e/ou ocorrem, decidindo-se por *estudos explicativos*. Lembrando que um estilo não precisa anular os demais e eles podem ser empregados em conjunto para a obtenção de materiais ainda mais completos.

Refletindo sobre o objeto de estudo desta pesquisa, enfatiza-se a pesquisa descritiva, derivada do estudo exploratório, para ter uma explicação para a problemática da leitura na Escola Municipal Mandacaru, buscando investigar até que ponto a escola vivencia uma inovação pedagógica. Assim, o campo a ser permeado nesse intuito abrirá o leque de possibilidades, a fim de contribuir com novos resultados.

3.2. Delineando o tipo de pesquisa

A pesquisa desenvolvida foi do tipo qualitativa, por permitir um contato mais estreito com o objeto de estudo investigado, nesse caso, a inovação pedagógica no processo de leitura na Escola Municipal Mandacaru. Para Richardson (1999), este tipo de abordagem é a ferramenta mais adequada para se compreender a natureza de um fenômeno social.

A leitura é uma prática importante na formação do cidadão, com isso, a pesquisa se propôs a investigar até que ponto existe inovação pedagógica na formação do leitor da Escola Municipal Mandacaru, os indícios dessa vivência (ou não) e as necessidades para que essa prática seja uma realidade cotidiana. No entanto, a pesquisa quantitativa não foi menosprezada, devido a necessidade de selecionar uma amostragem de entrevistas e questionários a docentes e alunos para que as devidas análises. Caso contrário, tornar-se-ia inviável a pesquisa, diante do quantitativo de participantes. Para Bogdan e Biklen (1982), *apud* Ludke e André (1986, p.11).

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. (...) a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, através de trabalho intensivo de campo. Como os problemas são estudados no ambiente em que eles ocorrem naturalmente, sem qualquer manipulação intencional do pesquisador, esse tipo também é chamado de “naturalístico”. Assim, para esses autores, todo estudo qualitativo é também naturalístico. Sendo assim, as circunstâncias particulares em que um determinado objeto se insere são essenciais para que se possa entendê-lo.

Bogdan e Biklen (1982), destacam, portanto, que a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes. A pesquisa qualitativa, de forma mais específica será aplicada a abordagem etnográfica, reconhecida quando o pesquisador consegue interpretar as informações do grupo estudado como se fosse um membro participativo desse grupo. Em outras palavras, a pesquisa qualitativa consegue inserir o pesquisador no contexto de estudo, como um elemento a mais que vive e experimenta da realidade vivenciada. Na concepção de Minayo (2012, p.21),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida (...).

Na concepção de André (2010), um trabalho pode ser caracterizado como do tipo etnográfico em educação, quando faz uso de técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, a observação participante, a entrevista intensiva, a aplicação de questionário e a análise de documentos. Além dessa, outras características definirão esse tipo de pesquisa,

como é o caso da interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado, determinando o pesquisador como o instrumento principal na coleta e na análise dos dados.

E mais, segundo André (2010, p.29),

Outra característica importante da pesquisa etnográfica é a ênfase no processo, naquilo que está ocorrendo e não no produto ou nos resultados finais.

Uma quarta característica da etnografia é a preocupação com o significado, com a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, as suas experiências e o mundo que as cerca. O pesquisador deve tentar apreender e retratar essa visão pessoal dos participantes.

A pesquisa qualitativa do tipo etnográfica envolve um trabalho de campo, já que o pesquisador se aproxima de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado. Assim, os eventos, as pessoas, as situações são observadas em sua manifestação natural, o que faz com que tal pesquisa seja também conhecida como *naturalística* ou *naturalista*. Lapassade (2005, p. 148) afirma que,

O trabalho etnográfico de campo implica fundamentalmente a observação participante (noção que define ao mesmo tempo a etnografia em seu conjunto e as observações prolongadas fitas no campo ao participar da vida das pessoas), a entrevista etnográfica (que não concebe, em geral, sem dispositivo de observação participante) e a análise de “materiais” oficiais e pessoais (diários, pessoais, cartas, autobiografia e relatos de vida produzidos conjuntamente pelo pesquisador e pelo sujeito).

O período do contato direto do pesquisador com a situação ou fenômeno estudo varia, podendo ir de algumas semanas até vários meses ou anos. Para isso pode ser utilizada a descrição ou indução, onde pode-se fazer uso de grande quantidade de dados descritivos, como situações, pessoas, ambientes, depoimentos, diálogos, que são por ele reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. Para analisar os dados coletados a partir das observações, entrevistas e questionários, será utilizada a análise de conteúdo proposta por Bardin (1977), que diz que:

O conjunto de técnicas de análise das composições visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (qualitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p. 37).

Por esse motivo, os pesquisadores ao escolherem esse tipo de pesquisa precisam de um plano de trabalho que seja flexível, pois o processo de busca de informação depende da disponibilidade e bom senso de todos os sujeitos envolvidos direta e indiretamente no desenvolvimento da pesquisa. Essa problemática existe, pois para se ter acesso a um espaço

educativo é preciso ter autorização dos responsáveis da escola em questão, mesmo que eles não sejam propriamente os sujeitos envolvidos.

3.3. O espaço pesquisado

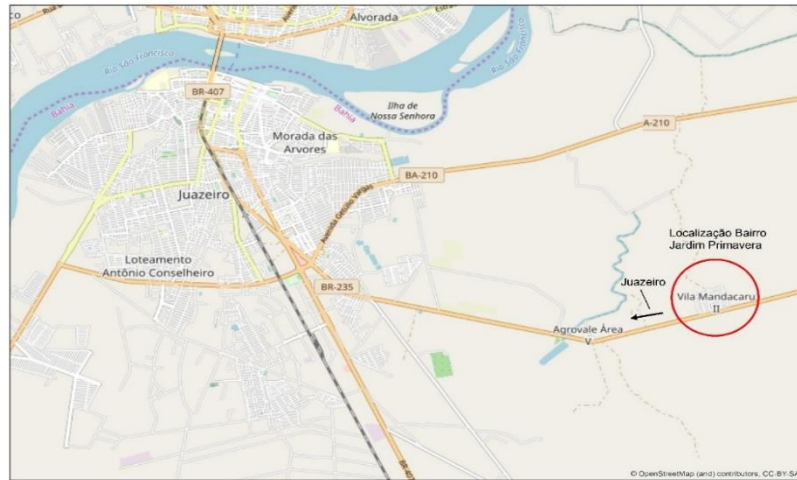
A escola onde foi realizada a pesquisa, foi fundada em 1993, localizada na avenida central do conjunto habitacional I, s/n, bairro Jardim Primavera, numa distância de 16 km do centro da cidade (Juazeiro-Bahia). É mantida pela Secretaria de Educação (SEDUC) em parceria com a Empresa Agrovale desde 1998 e Associação de Pais e Professores (APP), com recurso do Plano de Desenvolvimento da Escola (PDE); Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Mais Educação e Programa de Autonomia Financeira da Escola (PROAFE). No ano da realização da pesquisa, a entidade educacional tinha 507 educandos nos três turnos: matutino, vespertino e noturno, sendo cinco turmas no ensino fundamental I e quatro turmas do ensino fundamental II nos turnos matutino e vespertino; no turno noturno, conta com o Ensino de Jovens e Adultos (EJA) nas etapas de I a IV e com o ensino médio, sendo uma extensão do Colégio Estadual Polivalente Américo Tanuri, com sede na cidade de Juazeiro.

Enfatizamos que para ter acesso aos espaços da Unidade Escolar Municipal Mandacaru solicitamos autorização do gestor pra realização da pesquisa de campo. Em relação a observação do espaço pesquisado não teve nenhum empecilho, ao contrário a gestão acolheu a proposta da entrada ao campo de pesquisa. Macedo (2000, p. 148), salienta que,

Uma vez que o projeto de uma etnopesquisa esteja pronto e socializado o suficiente – muitas vezes já no meio social onde se realizará o estudo faz-se necessário ter acesso ao campo propriamente dito. Este é um momento ao qual poucos se detêm como deveria, enquanto reflexão metodológica. A fecundidade dos resultados de uma etnopesquisa vai depender muito do tipo de acesso conquistado. É fundamental a disponibilidade das pessoas para informar, deixar-se observar, participar ativamente da pesquisa, e até mesmo para co-construir o estudo como um todo.

Ao analisar o que Macedo (2000) citou, confirmamos todas as preocupações percebidas ao escrever o projeto de pesquisa a ser executado, compreender como funciona a dinâmica do trabalho pedagógico da unidade de ensino a reação dos alunos, professores, coordenador na entrevista. Percebemos que, precisaríamos de conversar com todos os envolvidos para poder entender como funciona todo processo educacional.

Imagem 1. Localização do Bairro Jardim Primavera na cidade de Juazeiro, Bahia



Fonte: Google maps

O bairro Jardim Primavera fica distante, 12 km, do centro da cidade de Juazeiro-Bahia, no Brasil e seus residentes consistem em pessoas de renda média baixa, em sua maioria, trabalhadores rurais, migrantes de outros municípios, com uma vasta lista de reivindicações sociais por melhorias na qualidade de vida, por não possuir praticamente nenhuma infraestrutura, como saneamento, pavimentação, enfim, é um bairro com condições precárias de sobrevivência.

Imagem 2. Escola Mandacaru, local de aplicação do presente trabalho.



Fonte: Maria das grotas -2018

O acesso ao campo de pesquisa é fundamental para um trabalho sério e eficiente, sem ele o trabalho fica fragilizado e os resultados tendem a não ser satisfatórios. E nele, a observação

e as entrevistas foram indispensáveis, além da aplicação de questionário para alunos, professores e coordenação pedagógica.

A esse respeito, Minayo, Deslandes e Gomes (2009) afirmam que embora haja muitas formas e técnicas de realizar o trabalho de campo, dois são os instrumentos principais desse tipo de trabalho: a observação e a entrevista. Enquanto a primeira é feita sobre tudo aquilo que não é dito, mas pode ser visto e captado por um observador atento e persistente, a segunda tem como matéria-prima a fala de alguns interlocutores.

Chama-se a atenção para o fato de que:

por meio de técnicas de observação participante e de entrevistas intensivas, é possível documentar o não documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia a dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico. (ANDRÉ, 1995, p. 41)

A escola onde foi realizada a pesquisa é mantida e supervisionada pela Secretaria Municipal de Educação e trabalha com o Ensino Fundamental a partir das séries iniciais. Funciona nos três turnos, manhã, tarde e noite. A noite funciona com turma de EJA, devido à demanda de alunos que trabalham durante o dia e precisam estudar à noite, e o deslocamento para outras escolas da cidade é dificultado por conta do problema com transporte público.

A educação de jovens e adultos é uma modalidade de ensino que atende jovens e adultos. O ensino é direcionado para alunos com defasagem idade série e geralmente se constitui com turmas multisseriadas, e funciona no turno noturno com a clientela de pessoas com idade 16 anos até 75 anos.

Sendo a sala heterogênea, com a maioria dos alunos com a estima baixa e muitos bem-sucedido na vida do trabalho e famílias constituídas, buscam a escola objetivando recuperar o tempo perdido ou mesmo como critério de trabalho para obter promoção, bem como, justificar a escolaridade no currículo.

O trabalho desenvolvido para essas turmas deve ter uma metodologia diferenciada, em que os eixos do mundo do trabalho, saúde, direitos humanos, diversidade e educação ambiental sejam norteadores para as demais disciplinas.

Sendo assim, as disciplinas percorrem aos eixos temáticos dando sentido aos conteúdos, trazendo utilidade para o cotidiano dos educandos.

Uma das maiores dificuldades dessa modalidade é a evasão escolar, muitos desistem por motivo do trabalho, ou por não encontrarem sentido na escola, para tanto, o educador precisa ser diferenciado e dinâmico no ato de ensinar.

3.3.1 Estrutura Física

A estrutura da referida escola é boa, composta de nove salas de aula amplas e climatizadas, com rampa de acesso destinado à portadores de deficiência, sendo uma sala externa, uma sala de professores dividida com a sala do Atendimento Educacional Especializado (AEE), outra sala dividida entre a gestão e a secretaria, uma cozinha pequena com parte destinada a armazenagem da merenda escolar, um banheiro feminino e masculino divididos entre alunos(as) e professores, um alpendre ao redor das salas, um pátio coberto, uma biblioteca com banheiro e com acessibilidade, uma quadra coberta onde acontece as festas e as atividades do mais nova educação.

A biblioteca da unidade escolar é ampla e conveniada com Serviço Social da Indústria -SESI, o acervo bibliotecário é rico, e o espaço é composto por mesas, cadeiras, computadores. Em relação aos recursos audiovisuais que tanto auxiliam o trabalho pedagógico do professor e consequentemente uma melhor aprendizagem do aluno, com aparelhos de data-show, televisão, microfone, DVD, Microsystems, impressora.

3.3.2 Hierarquia Funcional

A escola tem hoje dois gestores, a gestora e a vice, duas coordenadoras pedagógicas, uma para o ensino fundamental I, e a outra para o ensino fundamental II, uma secretária e duas auxiliares de secretaria, vinte professores divididos entre o ensino fundamental I e II, três merendeiras que tem a função de preparar a merenda e preservar pela limpeza da cozinha, três auxiliares de serviços gerais que fazem a limpeza e conservação do ambiente, conta ainda com quatro auxiliares de portaria executando tarefas de recepção e controle de funcionários, estudantes e entrada e saída de pessoas externas à escola.

O gestor tem um papel muito importante dentro do ambiente escolar, para a gestão democrática, que é gerir com responsabilidade, motivação, compartilhar conhecimento junto a sua equipe.

O coordenador pedagógico assume também uma posição de destaque no contexto escolar, pois tem como função articular e transformar o currículo agindo como mediador entre os professores para melhorar a aprendizagem do alunado

3.4. Sujeitos Informantes

No período da pesquisa optamos em trabalhar com uma turma que no início da pesquisa no final do ano 2017 estavam no 6º ano e no ano seguinte 2018 7º ano.

A turma é composta por 36 alunos, entretanto foram escolhidos dezesseis (16) alunos para facilitar o trabalho da pesquisa. A escolha partiu da decisão deles, pois apresentei a proposta da minha pesquisa, relatei que iria fazer um momento de escuta por meio de entrevista, então questionei quem gostaria de participar desse momento e apenas 16 decidiram levantar a mão. Com relação aos sujeitos informantes fizemos uma coleta de informações junto a secretária escolar que nos passou todo o resultado no que tange a faixa etária, gênero e moradia. Os sujeitos envolvidos tem idade entre 12 a 15 anos. Desses alunos, 09 moram em um bairro chamado Itaberaba, 02 no bairro Sol Nascente e o resto mora no próprio bairro onde está localizada a escola.

Em relação ao comportamento dentro da instituição, percebe-se que parte deles ainda apresentam ações de indisciplina, conversam fora de hora, saem da sala, andam no pátio atrás do colega para brincar de correr entre os pilares, mas de certa forma prestam atenção no que se refere as atividades. Dessa maneira, acredita-se necessário fazer uma descrição desses sujeitos durante a fase da pesquisa.

De acordo com Minayo (2012, p. 63),

Os sujeitos/objetos de investigação, primeiramente são construídos teoricamente enquanto componente do objeto de estudo. No campo, eles fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando num produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador.

Para esses sujeitos está nessa instituição de ensino é algo novo, pois vieram de outra realidade e nesse local sentiam-se bem. Além disso, outro fator interessante é que declararam que compartilhariam porque esse estudo fazia parte do projeto que estavam vivenciando e era prazeroso, de forma que contribuiriam com o que fosse necessário para enriquecimento da pesquisa.

Imagem 03. A turma dos sujeitos da pesquisa



Fonte: Grotas – 2018

3.5. Técnicas e Instrumentos de recolha e análise de dados

A coleta de dados da pesquisa foi realizada através do uso de alguns instrumentos para coletar as informações necessárias. Sabendo-se que, a escola onde o trabalho seria efetivado é bastante vasto, era preciso conviver com os alunos dentro da escola, na comunidade e acompanhar nos estágios de desenvolvimento de cada um. Assim optamos por usar a entrevista etnográfica, a observação participante e a análise de documentos para que fosse possível alcançar o nosso objetivo.

A intenção era mostrar como acontecem as práticas pedagógicas da Escola Municipal Mandacaru e se realmente estas são chamadas práticas inovadoras. Deste modo, não seria possível se não fosse o suporte oferecido por estes instrumentos, cada um trouxe elementos significativos para os resultados que serão mostrados no próximo capítulo.

A coleta de dados busca informações direcionando sentido no intuito de alcançar alguns aspectos do dia a dia dos entrevistados além de ser uma ferramenta de investigação. Desempenhando um importante papel a observação força o investigador a ter um elo de ligação direto com a realidade estudada (MARCONI, LAKATOS, 2002).

Diante das diversas técnicas de observação escolheu-se a observação direta com objetivo de compreender o comportamento dos indivíduos inseridos na observação. Esse modelo de observação se faz presente quando o pesquisador monitora os fatos, o pesquisador também tem liberdade de mudar para troca de setores focando nas observações ou concentrar-se em fatos novos, fazendo comparações entre os dados recebidos dos indivíduos pesquisados

e a própria realidade. Vale salientar que não podemos dar total confiança ao que percebemos e nem retirar conclusões antecipadas (COOPER, SCHINDLER, 2005).

3.5.1. Observação Participante

Decidir-se pela observação como fator preponderante para a realização da pesquisa, foi uma maneira prática e acessível de delinear os trabalhos, norteando cada ação e os devidos planejamentos, para que a mesma pudesse funcionar de acordo com os objetivos propostos no projeto de pesquisa.

Portanto, o primeiro passo foi selecionar a forma como se daria a observação, optando pela observação direta, por permitir, segundo Ludke e André (2009), que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Em outras palavras, a observação participativa foi um das técnicas utilizados para a realização desta pesquisa, pois nela “a identidade do pesquisador e os objetivos do estudo são revelados ao grupo pesquisado desde o início, (...) o pesquisador pode ter acesso a uma gama de informações, até mesmo confidenciais, pedindo cooperação ao grupo (...) no que será ou não tornado público pela pesquisa” (LUDKE e ANDRÉ, 2009, p. 29).

Os objetos de observação, já anteriormente apresentados nas linhas supra, foram essenciais para uma visualização da questão pesquisada, referente à inovação pedagógica ou não no incentivo à leitura na Escola Municipal Mandacaru.

De acordo com Lapassade (2005), ao longo do trabalho de campo propriamente dito (da permanência nos locais), o observador participante ocupa-se essencialmente de olhar, de escutar e de conversar com as pessoas, de coletar, de reunir informações diversas. Ele não se deixa, de algum modo, levar pela situação. Foi observado toda movimentação da escola, em especial as interações entre professores-professores, professores-alunos, alunos-alunos, escola-família, com a atenção voltada para o foco da pesquisa e tudo que revelasse algo relacionado ao assunto.

Destaca-se que “o principal instrumento de trabalho de observação é o chamado diário de campo, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas modalidades” (MINAYO, DESLANDES e GOMES, 2009, p. 71).

Há várias formas de registrar as observações, porém preferi apenas o registro escrito de situações vivenciadas, falas e informações importantes no *diário de campo*. O tempo da observação também durou cerca de dois anos, período em que foi possível “acompanhar” o comportamento da turma no requisito pesquisado: leitura. Não foram observações diárias, mas

esporádicas, no intuito de acompanhar todo o desenvolvimento da turma, assim podendo perceber resultados mais consistentes e duradouros.

Minayo(2012) abordam a importância da relação pesquisador e pesquisados para um trabalho interacional, afirmando que um trabalho privilegiado de coleta de informações para as pessoas é a possibilidade que tem a *fala* de ser reveladora de condições de vida, da expressão dos sistemas de valores e crenças e, ao mesmo tempo, ter a magia de transmitir, por meio de um porta-voz, o que pensa o grupo dentro das mesmas condições históricas, socioeconômicas e culturais que o interlocutor. Foi assim que as observações foram sendo registradas no decorrer de todo o processo de pesquisa, onde os detalhes que mais chamavam a atenção eram anotados, para posteriormente serem analisados e interpretados no conjunto de situações. Assim, as expressões de contentamento, insatisfação, refeição, acolhida, incentivo, ou o que fosse observado, mesmo os pequenos detalhes eram pontuados.

Os dados observados durante este período foram anotados no diário de campo, principalmente em relação às atividades desenvolvidas pelos alunos no decorrer desse período.

3.5.2 Entrevista Etnográfica

Na pesquisa qualitativa caracteriza-se a entrevista como instrumento possibilitador a produção de conteúdos oferecidos indicados diretamente pelos sujeitos envolvidos no processo. Com isso o entrevistador pretende elucidar com este instrumento informações inerentes ao seu objeto. De acordo Minayo (1996, p. 109).

[...] o que torna a entrevista instrumento privilegiado de coleta de informações é a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas, e símbolos (sendo ela mesma um deles) e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas

Conforme dito anteriormente, a entrevista, ao lado da observação representa um dos instrumentos básicos para a coleta de dados. Conforme Ludke e André (2009) ela desempenha importante papel não apenas nas atividades científicas como em muitas atividades humanas.

É preciso frisar que

De início, é importante atentar para o caráter da interação que permeia a entrevista. Mais do que outros instrumentos de pesquisa, que em geral estabelecem uma relação hierárquica entre o pesquisador e o pesquisado, (...), na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde (...). Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica. (LUDKE e ANDRÉ, 2009, p. 33-34)

Para Minayo, Deslandes e Gomes (2009) “a entrevista é acima de tudo uma conversa a dois, ou entre vários interlocutores, realizada por iniciativa do interlocutor. No decorrer da pesquisa, de forma esporádica era feito um “bate-papo” com a turma.

A entrevista etnográfica possibilitou maior flexibilidade para desenvolver o projeto de forma clara e precisa, onde foi possível conhecer o mais de perto os problemas na dificuldade e interesse pela leitura por alguns alunos e depois transcrever, para poder fazer a análise dos dados. Segundo Lapassade (2005) existem três tipos de entrevista etnográfica, dentro desta perspectiva.

A primeira visa elaborar um relato de vida (uma autobiografia sociológica). Aqui, o pesquisador se esforça em apreender experiências que marcaram, de modo significativo, a vida de alguém e a definição dessas experiências pela própria pessoa. A segunda é destinada ao conhecimento de acontecimentos e de atividades que não são diretamente observáveis. Pede-se aos informantes descreverem o que ocorreu e indicar como isso foi percebido por outras pessoas. A terceira visa coletar descrições de uma categoria de situações ou de pessoas. Propõe-se a estudar um número relativamente elevado de pessoas em tempo relativamente curto em comparação com a duração de uma pesquisa inteiramente fundada sobre a observação participante (...). (LAPASSADE, 2005, p 79-80)

Diante da fala de Lapassade (2005), foi procurado utilizar o terceiro tipo de entrevista, pois era o que mais se enquadrava ao trabalho de pesquisa desenvolvido. Pois, foi necessária a complementação da observação participante para que pudéssemos confrontar com as falas adquiridas na entrevista.

Ludke e André (1986, p. 33-34) afirmam o seguinte,

(...) na entrevista a relação que se cria é de interação, havendo uma atmosfera de influência recíproca entre quem pergunta e quem responde. Especialmente nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há a imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Na medida em que houver um clima de estímulo e de aceitação mútua, as informações fluirão de maneira notável e autêntica.

O interessante é que os sujeitos pesquisados não demonstrem nenhuma resistência para dialogar e responder aos questionários, nem fiquem constrangidos com a presença do equipamento usado para gravar as falas. Esse é um ponto positivo, que nos permite a entrevista etnográfica, pois nos dá essa abertura para nos aproximarmos, coletarmos e confrontarmos o que ouvimos com aquilo que foi observado.

3.5.3 Análise documental

De todos os instrumentos citados, veio a necessidade de analisar o documento mais importante para representar a verdadeira identidade escolar. Foi preciso fazer uma leitura do Projeto Político Pedagógico (PPP) e, do Sub Projeto de Leitura (PL). Salientando que estes documentos contém informações de como funciona a instituição educacional, o papel da família, do aluno e das práticas pedagógicas executadas, o processo qualitativo em fim nele está inserido tudo que ocorre no processo educativo da Escola Municipal Mandacaru. Outro instrumento utilizado foi análise do diário de bordo observando a escrita dos alunos bem como nos projetos de intervenção para integrar a pesquisa. Nesta perspectiva de Ludke (1986, p. 38), “A análise documental pode constituir numa técnica valiosa de abordagem de dados qualitativos, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja observando aspectos novos de um tema ou problema”.

Macedo (2000) coloca que os documentos são fontes estáveis de pesquisa, assim no processo da etnopesquisa pode facilitar o trabalho do pesquisador interessado em descobertas voltados nas práticas humanas.

Para o desenvolvimento da pesquisa, a análise documental contribui bastante, pois ao analisar os documentos na escrita entende-se o que acontecia na prática. Nos resultados da entrevista dos alunos, professores, coordenador e gestor percebe-se comentários das vivências fora e dentro do contexto escolar.

Outra fonte analisada (Projeto de Intervenção de Leitura) intitulada “Da Literatura ao teatro: leitura e criação no espaço escolar”. O projeto de intervenção de intervenção existe já há muito tempo na Escola Municipal Mandacaru, surgiu por conta da deficiência leitora percebida pelos professores nas turmas do 6º ao 9º ano do fundamental II. Isso vem acontecendo pelo inconformismo de como é tratado o ato de ler dentro do ambiente escolar.

Segundo Piaget (2013, p. 78), essa atitude do professor permite-lhe “(...) pensar no futuro e não considerar as melhores estruturas no momento presente como devendo necessariamente continuar como tais (...)”.

Certo de que o professor possa encorajar o aluno a romper barreiras leituras oportunizando a vivenciar várias modalidades de gênero textuais. Acompanhamos passo a passo desse projeto de leitura desde apresentação à turma, a entrega do livro, apresentação do autor e na própria dinâmica de leitura na biblioteca da escola. Ao analisar o documento percebemos que os professores acreditam que, através da literatura o aluno terá facilidade de compreender, interpretar e posicionar-se criticamente frente ao que se ler, levando-os a perceber

as imensas possibilidades que um texto literário pode oferecer ao mundo do conhecimento, bem como desenvolver o prazer da leitura de outras obras literárias. Outro ponto interessante visto no projeto de leitura, foi quando o professor afirmou que através da experiência teatral o aluno se apropria mais da leitura porque vivencia na prática o personagem. Nesta perspectiva o professor pode despertar ou não no aluno o prazer de ler, tornando-o um cidadão com a visão mais ampla de mundo, modificando a realidade em que está inserido e a si mesmo. Segundo Solé (1998, p. 46) “Quando a leitura envolve a compreensão, ler torna-se instrumento útil, para aprender significativamente”.

Solé (1998) em sua fala deixa claro que a leitura é fundamental para a compreensão da linguagem escrita, entretanto para ler é necessário praticar com capacidade as habilidades de decodificação mostrando no texto nossos objetivos, ideias, e experiências prévias.

3.5.4 Diário de campo

Através da pesquisa de campo podemos buscar dados diretamente com o grupo pesquisado, fazendo o uso desse instrumento, o pesquisador necessita de mais aproximação, um encontro mais direto, se apropriar do espaço onde o fato acontece ou onde ocorreu para que seja coletado os dados necessários e posteriormente documentá-los. Essa prática leva o pesquisador a várias indagações em relação aos seus atos falhos, aos investimentos que estão sendo construídos, reafirmando assim seu status de ator/autor, numa construção tanto do sujeito como do objeto.

Trata-se, em geral, de um aprofundamento reflexivo sobre as experiências vividas no campo de pesquisa e no campo de sua própria elaboração intelectual, visando apreender, de forma profunda e pertinente, o contexto do trabalho de investigação científica, que [...] imbricasse do próprio objeto e na sua *gestalt*. (MACEDO, 2010, p. 133). Foram elaborados apontamentos sobre os diálogos acontecidos em reuniões para que gerasse uma observação clara relacionada a prática educacional.

Assim, “através da escrita, os saberes populares dos outros eram convertidos em alegorias etnográficas através dos quais nós refazíamos nossas escutas e nossas identificações” (PIMENTEL, 2009, p. 150). Dessa maneira o material coletado deve ser conferido pelo pesquisador lendo e relendo para melhor redigir o seu diário de campo.

Além disso, Macedo (2000, p. 196) afirma que “instrumento de grande relevância para acessar os imaginários envolvidos na investigação, pelo seu caráter subjetivo, intimista” (MACEDO, 2000, p. 196).

Para Minayo (2015, p. 17),

O principal instrumento de trabalho de observação é o chamado *diário de campo*, que nada mais é que um caderninho, uma caderneta, ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as informações que não fazem parte do material formal de entrevistas em suas várias modalidades.

No tocante, sobre o roteiro de entrevista, Schraibr fala o quanto é fundamental a utilização do roteiro de entrevista permitindo que o pesquisador tenha mais clareza das informações que almeja alcançar, porém sua utilização auxilia no aprofundamento e nas discussões em cima de determinado assunto. Contudo, Gaskell (2004), enfatiza que o pesquisador não se permita a ficar dependendo totalmente do roteiro, porque no decorrer da entrevista surgirão novos temas relevantes e os mesmos não serão estudados pelo fato de não estarem em evidência na lista de conteúdo a serem trabalhados.

Aos inseridos na pesquisa os objetivos foram mostrados para que todos tivessem ciência das informações que viriam a dar.

Um dos instrumentos mais relevantes utilizados para o trabalho de campo é o “diário de campo” que para Minayo (2012, p.71), “nada mais é que um caderninho, uma caderneta ou um arquivo eletrônico no qual escrevemos todas as coisas que não fazem parte do material formal de entrevista.”

Para Florence e Weber (2009, p 158), “trata-se de um conjunto complexo de práticas de escrita, cujas funções e status são múltiplos, podendo as folhas de escrita que se sobrepõe ter destinos diversos”, incluindo tudo o que é coletado.

3.6. Análise de conteúdo

Depois dos dados coletados, realizamos a análise de conteúdos para interpretá-los, sendo que os mesmos foram obtidos com a realização das entrevistas, nos registros da observação participante e análise do projeto político pedagógico.

De perspectiva da etnopesquisa, a análise de conteúdo é um recurso metodológico interpretacionista que visa descobrir o sentido das mensagens de uma dada situação comunicativa. (...) Um poema, um discurso, uma entrevista, uma história de vida, uma declaração verbal ou escrita, um diário pessoal ou de campo, um livro didático, etc, são objetos de uma análise de conteúdo. Isto é qualquer *documento* onde o conteúdo possa emergir significativamente para os interesses de uma pesquisa, para compreensão de uma dada situação, via processo construcionistas da comunicação humana (MACEDO, 2000, p. 209).

Vários instrumentos foram utilizados pra análises dos conteúdos. Alguns recursos citados por Macedo (2000) foram apropriados para a realização da análise: conceituação,

codificação e categorização. Outra corrente teórica contribuiu para o entendimento de cada etapa analisada, Gomes (2012, p.87) Chama atenção em relação a essa análise de conteúdo,

Além das unidades de registros, numa análise de conteúdo de mensagens, faz-se necessário definirmos as unidades de contexto, situando uma referência mais ampla para a comunicação. Em outras palavras, devemos compreender o contexto da qual faz parte e mensagem que estamos analisando.

Segundo Gomes (2012) é preciso localizar o conteúdo, pois de acordo com sua vivência cada indivíduo dá sua opinião, independente se a análise é feita por partes ou como um todo. Sendo assim podemos analisar as entrevistas, os relatos escritos, observações dividindo em categorias descrevendo, interpretando o que os sujeitos disseram.

Na fase de exploração do material é necessário fazer releituras para chegar na essência das informações e em seguida fazer a classificação dos dados tendo como base os núcleos de sentido.

Em seguida parte-se para a fase do tratamento dos resultados por meio da inferência e da interpretação. Aqui pretende-se comprovar o objeto da investigação atentando-se para os fenômenos que se apresentaram como verdades comprovadas pela análise dos dados que essa pesquisa se propôs a realizar.

CAPÍTULO IV: ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLHIDOS

Os aqui apresentados foram colhidos durante o processo de observação que durou mais de 4 meses e por meio de entrevista realizadas com os alunos, professores, gestão e coordenação.

Os dados coletados ao longo dessa permanência junto das pessoas, provêm de muitas fontes e, principalmente da “observação participante” propriamente dita (o que o pesquisador nota, “observa” ao vivo com as pessoas, compartilhando de suas atividades), das entrevistas etnográficas, das conversas ocasionais de campo, do estudo dos documentos oficiais e dos documentos pessoais (LAPASSADE, 2005, p. 69).

As observações se iniciaram no final do ano de 2017, após a qualificação do projeto, apesar de já ter visitado a escola anteriormente, no mês de novembro houve a necessidade de visitar a escola para apresentar o projeto de pesquisa. E assim no mês de dezembro deu início ao processo de diálogo com a equipe e observações do espaço e sujeitos.

Durante o período que estivemos no espaço coletamos as informações, os dados que forneceram subsídios para compreendermos o tema estudado pesquisado.

Para obtenção das informações foi realizado diário de campo, no mês de novembro de 2017 para fazer os registros durante o período de visitas e escuta. A primeira visita ao colégio Municipal Mandacaru teve como objetivo conhecer a instituição de ensino e seus diversos segmentos para que em momento oportuno eu pudesse dialogar sobre a proposta de pesquisa em relação ao mestrado em Educação-Inovação Pedagógica. A gestora foi bem solícita, me aceitando como pesquisadora na Escola Municipal Mandacaru, entreguei a carta de autorização para realização da pesquisa, feito isto, a referida gestora apresentou-me ao quadro de docentes e posteriormente aos discentes da turma escolhida.

No decorrer do diálogo, deixei claro a necessidade que tenho de frequentar a escola como pesquisadora participante para realização da observação: das entrevistas, análise e documentos.

Durante os momentos de permanência dentro da escola, deu para observar muitas ações realizadas pelos alunos, ouvir as opiniões de todos que fazem parte do trabalho educativo em relação o projeto desenvolvido. Então a partir de tudo que foi coletado através de escutas foi analisado e apresentado aqui através de categorias que serão percorridas a seguir. Para manter a privacidade dos pesquisados, serão chamados por códigos, onde será usado uma letra e um número.

4. 1. A importância da leitura na vida dos alunos

Para muitos adolescentes a leitura no século XXI tornou-se algo restrito e reduzido, muitos realizam como leitura diária apenas os diálogos e informações de redes sociais, não quer dizer que seja algo ruim, mas quando se trata de construção do conhecimento e formação humana, torna-se necessário que a leitura vá além disso.

Atualmente os dados de exames nacionais realizados no Brasil, tem mostrado baixo índice no desempenho dos estudantes, isso se deve a dificuldade de leitura e interpretação nas atividades propostas. Cada vez mais se encontra alunos nos anos finais do Ensino Fundamental que não conseguem fazer a leitura de um simples texto, ou fazer a interpretação do que leu, é que Silva (1991) chama de crise na leitura.

Segundo Foucambert (1998, p.12),

O problema da sociedade contemporânea é mais no iletramento, do que no analfabetismo, uma vez que, pelo menos nos países industrializados, há um avanço na escolaridade universalizada, mas um crescimento assustador nos índices de analfabetismo funcional, isto é, na perda, em poucos anos, da capacidade do leitor/escritor de “fazer até mesmo uma simples correspondência entre o oral e o escrito.

A leitura é uma ferramenta necessária na formação humana, pois contribui na obtenção de novos conhecimentos que podem ser obtidos por meio de informações contidas em livros, revistas, sites, redes sociais, entre outros meios que disponibilizam textos. O ato de ler deve estar presente na vida dos sujeitos desde dos seus primeiros anos de vida, por meio da escuta de histórias e contos que permitem fluir a imaginação e contribuir no desenvolvimento da linguagem.

Por isso, no decorrer da entrevista foi questionados os alunos entrevistados sobre a importância da leitura de livros ou de outros materiais, e assim responderam:

“Sim é importante, pois por meio dos livros a gente aprende muita coisa, que vai nos ajudar na escola e nos outros lugares. (A1)

“É importante porque nos ajuda muito na escola e também ajuda a conhecer um monte de coisas novas”. (A8)

Eu acho importante, ajuda muito, os livros ensinam muita coisa, tem muita história interessante sobre o passado, coisas que aconteceram antes da gente nascer”.

É bom fazer leituras, as vezes é cansativo, mas ajuda bastante, ajuda a descobrir um monte de coisas que a as vezes ainda não sabemos”. (A11)

“Eu acho importante, ajuda bastante. Eu gosto de ler livros, a gente aprende muito”. (A 12)

Nesta questão todos apontaram a leitura como importante. E ao fazer uma análise sobre a atribuição da importância, se nota que para eles é um instrumento que ajuda na aprendizagem de coisas diferentes, de novas informações, contribui com os conteúdos ensinados dentro da escola, mas também com a vida fora dela, permitem que eles conheçam o passado, permitem que eles façam descobertas.

Como pontua Lajolo (2002, p.7): “Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê numa espiral quase sem fim que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem deve) encerrar-se nele”.

Diante do que diz a autora citada, se percebe que a leitura permite que o sujeito entenda e compreenda o mundo, por esse motivo é uma ação que não pode ocorrer apenas dentro da escola, ou como uma exigência dela, é preciso uma leitura prazerosa para que possa acontecer fora dela também.

A gestora e a coordenadora também foram questionadas sobre a importância da leitura na vida deles e na formação de seus alunos. E responderam o seguinte:

“Na minha vida a leitura é uma ferramenta importante e de uso diário, sempre leio algum texto nas reuniões com professores, pais, alunos, sempre mostro para eles como a leitura pode nos ensinar, como podemos aprender por meio dela. E sempre falo para os professores, que se eles não gostarem de lê não poderão incentivar seus alunos”.
(COORDENADORA)

“No decorrer da minha vida acadêmica fazia leituras por necessidade, hoje é diferente faço por prazer, por vontade de conhecer, é mais interessante. Por isso, sempre digo aos professores para que eles trabalhem de forma dinâmica, de modo a não deixar os alunos cansativos, fazendo eles sentirem prazer em lê, pois quando é feito como algo obrigatório a gente não encontra sentido e nem significado.

De acordo com as respostas citadas pela coordenadora em relação a leitura, ela está bem fundamentada. É de suma importância a busca do ler, onde viajamos sem sair do lugar, nos enriquece em todos os sentidos: vocabulário vivo, conhecimento de mundo e etc. A preferência é muito pessoal, mas desde que seja para ler já é válido, devemos incentivar e ser sempre um

ser mediador da leitura e nunca deixar de barreiras afastarem de um deleite maravilhoso que é ser leitor.

Daí o engano de quem acha que o caráter humanizante e formador da literatura vem da natureza ou quantidade de informações que ela propicia ao leitor. Literatura não transmite nada. Cria. Dá existência plena ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não existente para cada um. (LAJOLO, 1988, p. 43)

Após análise do relato da gestora pude perceber que a equipe que compõe a instituição é participativa e atuante no que se refere a gestão democrática. Diante do atual contexto social, político, econômico e cultural em que estamos inseridos, se faz necessário a atuação de todos os envolvidos no processo educacional favorecendo assim de maneira conjunta pra que o ensino e a aprendizagem ocorram de forma efetiva.

4.2. A motivação para a leitura

De acordo com as respostas dos alunos o que mais os motiva a ler é adquirir mais conhecimento sendo capazes de compreender, interpretar, e escrever melhor. Além de, provocar a imaginação do que está sendo lido.

“Aprender novas coisas sobre o mundo” (A2)

“Eu gosto de lê, mas os momentos de leitura me distraem, quando eu estou lendo, esqueço as outras coisas”. (A3)

“A professora de português, ela diz que a leitura nos ajuda aprender novas coisas” (A6)

“A vontade de conhecer novas informações, também ajuda escrever melhor”. (A9)

“Ler bem na frente dos outros”. (A13)

“A minha tia, me diz que quem ler aprende mais, por isso que eu faço, para aprender novas coisas. (A14)

“A vontade aprender mais” (A15)

“Minhas amigas, quando elas fazem a leitura de algum livro e falam que gostaram eu fico curiosa, então vou lá e pego para lê também”. (A11)

Ao fazer uma leitura da fala dos alunos nota-se que a motivação acontece por meio de diversos fatores e influência, para um a leitura funciona como um momento de distração e fuga, pois faz o pensamento se distanciar de outras preocupações ou problemas, também parte da

vontade conhecer novas informações, ou seja, acrescentar o conhecimento, do exemplo de pessoas próximas que compreende a importância da leitura na formação humana.

O gosto pela leitura só será prazeroso se os alunos se sentirem motivados a desenvolver tal prática. Para Soligo (1999) eles devem vê nesta ação algo interessante para sua vida, como se fosse uma conquista adquirida capaz de dá autonomia. Pois, quanto mais conhecimento o sujeito tiver, mais crítico será, tornando assim uma pessoa independente.

A partir da motivação, o hábito de lê pode se tornar uma prática diária, permitindo uma busca de conhecimento independente da escola, pois por meio da leitura o sujeito pode descobrir informações que não são passadas nesse espaço. Portanto, cabe a escolar buscar trabalhar tais atividades de forma dinâmica para que o aluno não veja como algo chato e cansativo.

Para entender e compreender mesmo essa motivação, questionamos os alunos se eles se consideram bons leitores, e alguns responderam da seguinte forma:

“Eu acredito que preciso lê mais, para ser considerado um bom leitor”.

(A1)

“Não. Acredito que para ser um bom leitor preciso ler mais e todos os dias”. (A4)

“Acho que estou quase me tornando uma boa leitora, digo quase porque acho que para ser bom leitor tem que lê muito”. (A7)

“Eu sou boa leitora, antes eu tinha muita preguiça, mas agora leio bastante depois do projeto de leitura”. (A8)

“Eu queria lê mais, só que as vezes chego cansada e ainda tenho que ajudar em casa i o tempo é pouco, acho que ainda não sou boa leitora.

“Não. Só pego livro para ler quando os professores pedem. Ou quando é para realizar algum trabalho, eu vou na internet pesquisar aí tenho que fazer a leitura, por isso não sou um bom leitor”. (A16)

Ao analisar as falas acima, é perceptível que eles já conhecem a importância da leitura e que compreende que para se tornarem bons leitores requer uma prática diária, eles reconhecem a necessidade de praticarem mais. Além disso, cinco dos alunos tem a mesma opinião do A16, só fazem leitura quando são requisitados pelos professores. Isso mostra que a motivação ainda não está presente em toda turma.

Para confirmar e ter mais certeza acerca da motivação, foi feito o seguinte questionamento: Você lê por vontade própria ou por solicitação do professor?

Dos dezesseis alunos pesquisados, seis realmente confirmaram que só fazem leitura quando são requisitados, isso mostra que apesar do trabalho com o projeto de leitura, ainda tem uma parte que ainda não estão motivados a terem iniciativas próprias sobre o ato de lê, no entanto a maior parte da turma já demonstram gostar e praticar sem exigência da escola.

Alguns inclusive afirma que já fizeram releitura de algum livro por achar interessante.

Eu já repetir a leitura de dois. Por que eu achei interessante, e da primeira vez eu fiz uma leitura agoniada. (A8)

“Eu fiz a leitura de um livro porque na primeira vez eu não entendi direito” (A 10)

Para Marcuschi (2010, p. 230),

Compreender exige habilidade, interação e trabalho. Na realidade, sempre que ouvimos alguém, ou lemos um texto, entendemos algo, mas nem sempre essa compreensão é bem-sucedida. É muito mais uma inserção no mundo e um modo de agir sobre o mundo na relação com o outro dentro de uma cultura e uma sociedade.

Quando o aluno tem interesse de fazer a releitura de alguma obra é porque ele se sentiu motivado a conhecer melhor a informação que neste está contida. Isso além de ajudar melhor na fluência, também ajuda a melhorar a ortografia, a entender conceitos, entre outros elementos.

4.3. A influência da família no hábito da leitura

A leitura é um hábito que o ser humano vai adquirindo a partir da motivação da escola, em especial dos professores, mas também recebe influência por parte da família. Alunos que tem em casa pessoas que tem o hábito de ler, que escuta contos, histórias lidas ou contadas desde de cedo, tem sua imaginação e o desejo de ler aguçado.

Mas sabemos que existem alunos que são filhos de pessoas analfabetas que não tiveram a oportunidade de frequentar um espaço escolar, no Nordeste por exemplo, região onde está inserido os sujeitos pesquisados, essa parcela ainda é alta, isso porque muitas pessoas precisam deixar a escola para ir ao trabalho. Quando os pais estão dentro desse grupo, torna-se difícil serem sujeitos motivadores, pois como não compreende não podem ajudar seus filhos e tornarem uma influência para eles, muitas vezes não conseguem nem ajudar a realizar a tarefa escolar.

A partir dessa premissa é que questionamos os alunos se a leitura era um hábito na família. Dos dezesseis pesquisados, somente cinco responderam que presenciam seus pais fazendo leituras.

“Minha mãe lê a bíblia todos os dias, ela também gosta de lê livro de receitas”. (A2)

“Quando eu era pequena minha mãe sempre fazia a contação de história para mim, ela ainda faz para meu sobrinho”. (A5)

“Minha mãe lê as mensagens do zap, lê a bíblia e ela gosta de lê umas revistas”. (A12)

“Minha mãe não sabe lê bem, meu pai já lê um pouco melhor”. (A9)

Quando se observa os dados das falas, nota-se que a influência familiar em termos de leitura para os sujeitos é mínima. Por isso, cabe a escola trabalhar o projeto de leitura de forma prazerosa, fazendo com que essas ações aconteçam dentro e fora da escola. Como diz Martins (1999, p.34) “a função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses (...)”.

Nesse caso cabe a escola desenvolver junto com os alunos práticas inovadoras que envolva questões de leitura, para que o aluno possa se motivar e construir seu conhecimento, podendo ele se tornar o exemplo e a influência para os demais da família.

4.4. As preferências dos alunos leitores

Se tratando de aluno, principalmente na fase da adolescência geralmente gostam de ficarem ou com pessoas da mesma idade ou sozinhos isolados. Quando se refere a momentos de leituras, muitos preferem lugares aconchegante que sintam bem, para lê à vontade.

Assim sobre preferencias iniciamos questionando sobre o tipo de livro que gostam de ler e assim responderam:

“Terror e comédia”. (A12)

“Comédia e ação”. (A10)

“Romance e mistério” (A11)

“Literatura cristã” (A2)

“Romance, ação e comédia”. (A3)

“Livros de aventura e terror” (A1)

“Livros que mostra lição de vida” (A9)

“Romântico e animado”. (A8)

“Comédia”. (A7)

Ao observar as temáticas escolhidas, se percebe que os livros de comédias e romance estão entre os preferidos da turma, pois são textos que promovem alegria, que permitem viajar na imaginação, devido a idade estão se descobrindo amorosamente, então optam por obras que traga essa realidade.

Para ter um conhecimento maior acerca dos gostos que os alunos tem acerca da leitura, questionei qual tinha sido a última obra lida.

“A poesia vai à escola” (A12)

“Fala sério mãe” (A10)

“A garota que roubava livro” (A11)

“A culpa é das estrelas” (A3)

“Bíblia sagrada” (A8)

“Bird Box”. (A9)

“O que tem no mato?” (A8)

Nota-se na escolha dos sujeitos que eles possuem gostos variados, mas dá para se perceber que realmente são adeptos de comédias e romances. Eles também argumentaram que os professores faziam sugestão de leituras para trabalhar nas disciplinas, mas que também deixavam eles escolherem o livro de acordo com o gosto de cada um, principalmente quando era é para fazer encenação, ou discutir temática.

“Os professores as vezes faz sugestão de algumas leituras, as vezes trazem vários textos para que a gente faça a escolha, mas também deixam a gente mesmo escolher de acordo com nosso gosto”. (A14)

“Às vezes quando é para trabalhar algum assunto, os professores deixam livre para que a gente pesquise, faça a leitura e desenvolva o que eles querem”. (A12)

“Na verdade, todos os professores trabalham com leitura, isso é bem legal, tem alguns que dá sugestão e indica, mas também deixam que nós alunos faça a escolham”. (A10)

Outra pergunta realizada foi em relação ao tempo que eles disponibilizam para realizarem momentos de leituras em casa, dentre os pesquisados somente dois sujeitos disponibilizam um tempo acima de meia hora. O A1 que diz: “em média 3 horas por dia” e o A11 que afirma que faz isso em “uma hora por dia”. Frente a isso se percebe que o tempo dedicado a leitura ainda é mínimo, mesmo assim a maioria da turma já faz.

Também foi questionado a quantidade de tempo que levam para fazerem a leitura de um livro. A dimensão do tempo foi bem variada, de sete até trinta dias.

“Levo sete dias, pois quando começo a ler tenho que seguir, pois só me contento quando vejo o final.” (A12)

“Geralmente uma semana, depende do livro, quando gosto vou lendo sem parar, mas quando não me chama muita atenção aí demoro mais.” (A10)

“Levo um mês, pois as vezes leio aí paro depois volto lê aquilo páginas anteriores para dá continuidade”. (A11)

“De dois a quatro dias para ler um livro de 100 páginas”. (A2)

“Levo em média vinte dias”. (A3)

“Depende da quantidade de páginas, se for um livro de mais de 300 página levo em média uns sete dias”. (A1)

Então no que se refere ao tempo de leitura, isso depende do livro se é agradável, da quantidade de página, percebem que ainda tem alguns que precisam retornar o que já foi lido anteriormente, isso mostra interesse e vontade de compreender o que foi lido.

No decorrer da entrevista também questionamos se eles têm um lugar preferido para realizar essa prática, para entendermos se os momentos de leitura estão mais atrelados ao espaço escola, ou se chega ao espaço casa.

“Na biblioteca da escola, ou no meu quarto”. (A10)

“Prefiro meu quarto, por causa do silêncio, não gosto que ninguém me atrapalhe”. (A11)

“Adoro lê no meu quarto”. (A2)

“Prefiro meu quarto quando estou em casa, mas quando estou na escola prefiro embaixo das árvores”. (A3)

“Gosto de lê na praça, no meu quarto e também na biblioteca da escola” (A1)

“No meu quarto, e na escola junto com os colegas”. (A5)

“No meu quarto e na escola é bom também quando vamos fazer leitura com os colegas é muito divertido” (A15)

“Na biblioteca, no pátio com os colegas e em casa prefiro meu quarto”. (A16)

Quando fazemos a leitura do que diz os alunos pesquisados acerca do local de leitura preferido, fica claro que a maioria prefere o silêncio e a solidão do quarto, mas existem também aqueles que gostam de realizar esses momentos dentro da escola, em especial a biblioteca, e tem alguns que gostam de compartilhar leituras com os colegas, isso é bom porque um auxilia

o outro, discutem e fazem debates em torno do que leram, isso permite uma nova construção de conhecimento.

4.5. As contribuições da leitura na formação humana

A leitura não é apenas uma ação a ser desenvolvida pelo sujeito, ela é um meio de obtenção de informação, possibilita maior segurança em termos de conhecimento e habilidade de discussão, possibilita conhecer o mundo desconhecido. Para muitos sabe lê, quem sabe interpretar, mas isso não é o suficiente. O texto passa a obter sentido quando o leitor vai atribuindo sentido e vai relacionando o que lê com sua realidade. Para Freire (1995, p.29),

Ler é uma operação inteligente, difícil, exigente, mas gratificante (...) ler é procurar ou buscar criar compreensão do lido (...) ler é engajar-se numa experiência criativa em torno da compreensão. Da compreensão e da comunicação. E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto sejam nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes na experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade.

Frente a essa discussão e embasados no pensamento de Freire sobre o ato de ler é que foi lançado aos alunos um questionamento sobre as contribuições da leitura da vida deles. Vejam as opiniões:

“Ajuda bastante, depois que comecei a ler, já consigo ler na frente das pessoas e estou até melhorando minhas notas”. (A5)

“Minha mãe fala que quem lê fica mais culto, acho que ela quer dizer que tenho a oportunidade de aprender novas coisas”. (A7)

“Acredito que a leitura contribui bastante para que a gente possa ter mais conhecimento, porque a gente vai lendo, vai descobrindo e aprendendo um monte de coisa”. (A12)

“A leitura ajuda a aprimorar os nossos conhecimentos, as vezes o professor explica aí eu não entendo muito, mas aí quando eu pego o livro e vou lê começo a entender o que ele estava explicando na sala. E outras vezes é o contrário, eu não entendo nada quando faço a leitura, aí quando eu chego na sala que eu pergunto e ele me explica aí eu passo a entender”. (A10)

“Na verdade, eu acho que a leitura ajuda em muitas coisas, mas eu acho que o principal é aprender novas coisas”. (A14)

“Assim, na minha opinião a leitura contribui muito na escola, quando a gente só assiste a aula, mas em casa não lê nada, a gente acaba não aprendendo muita coisa”. (A16)

“A leitura ajuda muito, depois que eu passei a fazer mais leitura, eu aprendi muita coisa”. (A2)

Quando se analisa as falas dos alunos, dá para perceber que eles compreendem a importância da leitura e entende que através dessa prática podem construir seus conhecimentos, pois argumentam que estas contribuem na obtenção de novos conhecimentos, na aprendizagem escolar e também fora dela.

(...) a leitura será mediadora das relações entre o aluno e o mundo e, a partir dela, ele poderá interferir na realidade e reconstruí-la. Dessa forma, a ideia de ferramenta, como objeto que permite agir sobre o mundo, é transportada para a leitura como instrumento, recurso para expressão e, como tal, basta dominar seu código já que sua técnica é superada pela perspectiva da leitura como um modo de organizar e constituir o conhecimento, estando a serviço, pois, da construção de um mundo de referências que dão sentido a existência humana. A atividade de leitura é posta como um ato político.

Dessa forma, fica clara qual a função que o leitor pode e deve assumir na relação com o conhecimento: na medida mesma em que o leitor suposto pelo autor interfere no ato de produzir textos, o ato de leitura envolve um conjunto de histórias de leitura do texto e do leitor, apontando para o ineditismo de sentidos renovados. (EVANGELISTA, et al, 1999, p. 121-122)

Frente a essa questão da contribuição da leitura na formação humana, questionamos os professores, coordenação e gestão sobre. E eles responderam da seguinte forma:

“A leitura é uma ferramenta que contribui de forma significativa na formação humana, a leitura transforma pessoas, pois o sujeito que pratica diariamente vai estar por si só construindo seu conhecimento, passará a ter uma nova postura, novos entendimentos, saberá debater, fazer uma crítica pertinente a determinada situação. Na minha opinião a leitura muda a vida das pessoas”. (CORDENADORA)

“A leitura contribui bastante na formação humana, ela tem o poder de transformar pessoas e conseqüentemente o mundo, pois quem lê adquire novos conhecimentos, então passa mudar sua forma de agir e pensar”. (PROFESSORA 1)

“A leitura contribui na formação humana, pois ela possibilita que os sujeitos construam novos conhecimentos dentro e fora da escola, permite que o aluno aprenda em qualquer lugar, hoje com o avanço da tecnologia, não basta que as pessoas sejam alfabetizadas, mas sim que

sejam letradas. O indivíduo que não consegue lê, sente dificuldades em várias ações que realiza na vida diária”. (GESTORA)

Ao analisar a fala das três profissionais dá escola, percebem que todas apontam a leitura como um instrumento contribuidor na formação humana, pois segundo suas falas, essa prática permitem a construção de novos conhecimentos, mas também a transformação dos sujeitos, possibilitando que eles se tornem sujeitos críticos e ativos na sociedade em que vivem. A fala desses profissionais afirmam o que Evangelista (1999) citou acima quando pontua que a leitura faz a mediação dos sujeitos com o mundo.

4.6 Práticas pedagógicas desenvolvida por meio do Projeto de Leitura

Como o intuito dessa investigação era compreender se as práticas pedagógicas desenvolvidas pelo projeto poderiam ser chamadas de inovadoras, então procuramos enfatizar alguns questionamentos sobre o projeto.

A primeira questão que fizemos sobre o projeto foi a seguinte: Você gostou da ideia do projeto de leitura da escola? Que atividades são desenvolvidas por meio desse projeto?

“Sim. Fazemos atividade o ano todo, em todas as disciplinas, leitura na sala, em casa, no pátio da escola, produzimos textos, fazemos serões de leituras, leitura compartilhada, debate, fazemos peças, apresentamos as peças na escola e no teatro”. (A12)

“Eu gosto. Te atividades interessantes, todos os professores fazem atividade que envolve leitura, ajudou bastante a gente. Nós vamos para a biblioteca escolher livros para fazer leituras, a gente leva livro para lê em casa, mas também a gente lê com os colegas aqui na escola, para poder fazer as atividades que os professor pede, é peça, debate, produção textual, fazer estudo dirigido, é muita coisa que a gente faz”. (A8)

“Depois do Projeto de Leitura nós fazemos várias atividades que envolve leitura, tem vezes que o professor de Geografia passa o tema da aula e pede para a gente pesquisar em casa texto sobre o assunto para fazer a leitura. É bem interessante que a gente tem que lê o que pesquisou, depois dizer o que entendeu e o que não entendeu e aí no final o professor explica e passa outras atividades”. (A3)

“É bom o projeto de leitura. Quando o professor divide em grupos e pede para gente escolher o livro para ler e apresentar na forma de encenação é bem interessante. A gente se diverte bastante”, (A10)

“Eu gostei, antes eu tinha muita preguiça de lê, agora todo final de semana vou na biblioteca pegar um livro para levar para casa. De vez em quando o professor de português pede para gente relatar em forma de texto e apresentar para os colegas um resumo da obra para cativar os colegas a escolherem aquele livro. É bem interessante porque ele proíbe de contar o final da história, e também não pode dá muito detalhe, é para deixar o colega curioso”. (A4)

Na fala dos alunos pesquisado todos enfatizaram o Projeto de leitura como algo bom, argumentam que melhoraram a prática da leitura, isso mostra que de certa forma o projeto foi algo motivador, que perpassa por todas as disciplinas, pois deixam claro que é trabalhado por todos os professores, eles demonstram que tem autonomia na escolha de material, e que tem espaço para momento de debate em sala e tem momento de leitura compartilhada, onde ocorre um diálogo entre colegas, eles demonstram interesse por esse tipo de atividade, tem iniciativa de irem até a biblioteca fazer escolha de livros, isso é um fato que contribuem com a busca e construção do conhecimento.

De acordo com a fala dos alunos todos os professores trabalham o projeto, ou seja, é um trabalho que envolve todos componentes do currículo. O que Morin (2007) chama de interdisciplinaridade.

A interdisciplinaridade pode significar que diferentes disciplinas se encontram reunidas como diferentes nações o fazem na ONU, sem, entretanto, poder fazer outra coisa senão afirmar cada uma seus próprios direitos e suas próprias soberanias em relação às exigências do vizinho. Ela pode também querer dizer troca e cooperação e, desse modo, transformar-se e algo orgânico. (MORIN, 2011, p. 50)

Como os alunos discorre que as práticas do projeto vão no véis de ações interdisciplinares procurei questionar também aos professores como são desenvolvidas as atividades do Projeto de Leitura e se elas percebem contribuição na aprendizagem dos alunos da escola.

“Sim bastante, depois que começamos trabalhar com esse projeto no decorrer do ano letivo, a aprendizagem dos alunos melhorou bastante. Muitos chegam do Fundamental I com muitas dificuldades, então esse trabalho tem suprido essas dificuldades”. (PROFESSORA 2)

“Muito, depois que passamos a trabalhar esse projeto de forma interdisciplinar, melhorou bastante, pois tem pessoas acham que leitura é apenas atributo da disciplina de Português, e isso é um engano, todos os professores podem trabalhar com momentos de leitura, se o aluno não sabe lê, ele não vai conseguir entender uma questão de matemática”. (PROFESSORA 3)

“De forma significativa, o desempenho dos alunos melhorou em todos os componentes, estão conseguindo avançar na construção da aprendizagem”. (PROFESSORA 4)

Frente a fala dos professores pontuamos o pensamento Abaurre, *et al* (1998, p. 10), quando diz o seguinte,

Se o objetivo do trabalho com a leitura de textos é a constituição de leitores com uma gama variada de habilidades de leitura, de leitores capazes de ler para informar; para estudar e entender o ponto de vista de um autor; para compará-lo com o de outros autores; para buscar e construir novos conhecimentos; para fruir, apreciar e refletir sobre o conteúdo, a estrutura textual ou os recursos de linguagem utilizados; para relacionar o texto lido com outros; para criticar aspectos do texto do da realidade que retrata etc., o aluno deve ser exposto a textos reais (e não artificialmente construídos, para enfatizarem “um problema de ordem gramatical” ou temático).

Ao observar a fala do autor citado se percebe que as falas dos professores dão para compreender o que afirma os alunos, quando eles falam que aprendem bastante. Percebe que os resultados do projeto se deve a um trabalho coletivo, onde todos se dispuseram a fazer diferente, a romper com o paradigma que leitura é apenas atividade de português, e que todos tem uma preocupação com a dificuldade dos alunos e buscam em conjunto romper com as ações tradicionais e corriqueiras de leitura e interpretação apenas.

4.7. O que mostra os documentos da escola sobre o Projeto de leitura

Os documentos analisados foram o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Escola Mandacaru e o Projeto de Leitura desenvolvido pela escola citada. Esse material analisado ajudou a dar sustentação ao processo de interpretação levando de maneira prática a escrita da mesma. De acordo com Lakatos e Marconi (1999) “é um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou para tratamento de um problema social”.

A leitura do PPP foi realizada com o intuito de verificar como a escola organiza seu trabalho pedagógico, este é um documento de grande importância para escola. Nele está

presente toda a proposta de caminhada da instituição em relação a organização educacional, ou seja, é a identidade da escola.

O Projeto Político Pedagógico não é apenas um documento da escola, daqueles que costumamos apresentar a algum órgão ou da escola pessoa, como costumam ser vistos a maioria dos documentos escolares. Este documento traduz toda intencionalidade educativa, as ações a serem desenvolvidas, a missão da escola, por isso, deve ser de conhecimento de todos que trabalham neste espaço, assim como dos que a visitam, com o objetivo de conhecer o trabalho desenvolvido por este espaço.

O plano da escola é um guia de orientação para o planejamento do processo de ensino. Os professores precisam ter em mãos esse plano abrangente, não só para uma orientação do seu trabalho, mas para garantir a unidade teórico-metodológico das atividades escolares. Com efeito deve expressar os propósitos dos educadores empenhados numa tarefa comum. (LIBÂNEO, 1994, p. 230)

Sendo assim, traduz-se na identidade: o que ela é, o que pretende ser, aonde quer chegar, como serão traçados os caminhos e todas para esse alcance. Deve ser parte integrante de seus sonhos como instituição que tem como principal papel a transformação da sociedade. Dessa forma é imprescindível que sua construção seja constante e coletiva, onde todos tenham voz.

De modo que o fazer pedagógico esteja de toda forma inerente ao fazer da gestão e vice-versa. Daí a importância do Projeto Político Pedagógico, porque, se é a identidade a escola, esta não terá como caminhar sem o mesmo.

A escola que leva a sério seu Projeto Político Pedagógico terá muito mais chances de chegar ao lugar pretendido, terá condições de estabelecer parcerias significativas, intensificar a qualidade de suas ações e acima de tudo alcançar as metas pretendidas. A escola não existe sem planejamento e o Projeto Político Pedagógico é por excelência o plano macro da educação.

Para apresentação do Projeto Político Pedagógico é preciso pensar na educação como processo dinâmico e contínuo, de alta complexidade é de suma importância para construção de uma sociedade que deseja garantir os princípios de cidadania em um mundo globalizado é que faz da escola uma instituição tão relevante e com uma responsabilidade muito grande no desenrolar desse processo.

Professores, alunos, pais, coordenadores, gestor, comunidade são os atores principais deste enredo e precisam estar afinados tendo como foco o mesmo objetivo. Diante dessa constatação é que nasce a necessidade da construção deste documento escolar, fazendo a reflexão da escola que temos e ao mesmo tempo traçando metas e ações para conseguirmos chegar à escola sonhamos. A escola que verdadeiramente cumpre o seu papel e oferece uma educação pública de qualidade.

O Projeto Político pedagógico da escola deve ser o norteador, a bússola que indica por onde precisamos caminhar para alcançarmos o sucesso escola, aglutinando finalidades, objetivos, valores, aspirações, esforços coletivos, um projeto dinâmico, inovador, que atenda a demanda dos alunos que antes de serem alunos são cidadãos que já agem sobre o meio em que vivem e que precisam estar preparados para viver as relações sociais de mundo altamente dinâmico e multável. É preciso mais que transmitir conhecimentos. O aluno precisa ser agente ativo neste processo, a sociedade atual necessita de cidadãos ativos, que promovam as mudanças necessárias e que saibam de onde vieram e aonde querem chegar.

A justificativa do documento apresenta que, é dever de toda e qualquer instituição proporcionar as crianças, adolescentes e adultos ações que desenvolvam os valores sociais, históricos e religiosos, do seu município, estado, região ou país, levando em conta o que cada aluno já traz de referência. Onde através de informações, observações e dados recolhidos, devem ser valorizados para melhor desempenho pedagógico e ensino- aprendizagem.

Nota-se que a justificativa utilizada para o Projeto Político Pedagógico orienta o trabalho para o desenvolvimento integral do sujeito, não esquecendo de levar em consideração seu conhecimento prévio acerca do que é investigado.

O PPP da escola pesquisada aponta que a leitura deve ser uma ferramenta constante no desenvolvimento da aprendizagem dos alunos, por esse motivo, coloca que o trabalho do Projeto de leitura desenvolvido no decorrer do ano letivo deve ser trabalhado de forma interdisciplinar, ou seja, todos os componentes da escola devem desenvolver atividades com leituras, dando espaço para os alunos desenvolverem seu senso crítico de forma autônoma. Por meio da leitura deve ser proposta aos alunos a descoberta do mundo que vivencia, seja conhecendo melhor sua cidade, seu estado ou país. Propiciando aos alunos uma postura reflexiva, permitindo-os a tomar consciência de sua existência e da comunidade em relação ao universo.

Deste modo, a missão colocada no Projeto Político Pedagógico é: “Educar nos parâmetros de educação integral aprendendo e construindo conhecimentos, através do desenvolvimento dos descritores, não apenas conceituais, mas procedimentais e atitudinais”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018, p. 20)

Diante da ideia exposta sabe-se que a busca pela leitura motiva o entendimento do universo leitor para levar os alunos a se integrar mais com a sociedade que vive e assim adquirir os conhecimentos necessários para sua vida escolar e social.

As grandes conquistas científicas e tecnológicas do século XXI fazem com que houvesse alterações sociais no que se refere ao ato de ler. A leitura tem grande importância no

dia a dia do ser humano, influenciando sobre o modo de pensar e agir. Hoje em dia a competência leitora é uma preocupação constante para os docentes dentro do contexto escolar. Compreendemos então, que ler ultrapassa a decodificação dos signos linguísticos, no entanto percebemos que na atualidade exigisse mais leitura.

Outro ponto importante no Projeto Político Pedagógico que merece atenção está no destaque dado a visão de futuro, quando pontua que a escola deve conduzir o educando a compreensão dos valores humanos através de uma nova concepção do universo, de homem e da vida.

A leitura é uma atividade educacional, por meio da qual os docentes desejam que os discentes conquistem novos valores, novos conceitos e amplie sua compreensão do mundo.

Busca o interesse, conhecimento, e tempo para perceberem as dificuldades, exigindo uma visão crítica, que promova um olhar diferente do educando e do educador para uma nova prática pedagógica.

O Projeto Político Pedagógico apresenta através do Projeto Leitura uma estratégia de incentivo à leitura para “trabalhar conscientizando a valorização dos diversos tipos de forma literária em busca de transformar o aluno num leitor diário”. (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2018, p. 25)

Dessa maneira o ato de ler nas diferentes categorias de ensino mostra-se como um instrumento importantíssimo na realidade escolar, para ampliação de novas aprendizagem gerando uma necessidade ler dentro e fora do ambiente escolar, deixando de ser meramente exclusividade da disciplina de português, mas que seja uma atividade cotidiana e prazerosa para cada um.

Como ponto forte a principal estratégia utilizada pelos professores para alcance do desenvolvimento das abordagens de ensino, que tem como referencial a contextualização e a interdisciplinaridade podemos citar: aula expositiva dialogada, seminários, estudo do meio, desenvolvimentos de projeto, jogos, debates, simulados, trabalho em grupo, aula de experimento e pesquisa em internet, livros, livros digital, revistas e jornais, dentre outros.

Como objetivo do PPP destacam-se: melhorar o processo de ensino-aprendizagem; promover interação entre a equipe diretiva professores, alunos, coordenadores e pais; proporcionar de diálogos entre professores da mesma área de ensino; reduzir o índice de infrequência dos alunos; reduzir o índice de evasão; Melhorar o desempenho dos alunos em matemática, língua portuguesa e a leitura propriamente e criar o hábito de leitura nos indivíduos.

Como estratégias pode-se usar: avaliação diagnóstica para identificar as dificuldades dos alunos; elevar os níveis de aprendizagem e rendimento escolar do aluno; elaborar proposta

pedagógica para cada série que oriente o processo de ensino e aprendizagem contextualizada coma realidade da comunidade; realizar oficinas de leitura; promover encontros para estimular os pais a participarem da vida escolar dos seus filhos; articular metodologias e procedimentos didáticos variados de ensino e uso de multimídias (data-show, vídeo, computador, e outros materiais interativos quando necessário); aderir aos projetos promovido pela Secretaria de educação, no sentido de estimular apropriação de conhecimentos; Empregar as diversas linguagens artísticas através de criação e exposição de artes visuais; promover competição de atividades formativas e expressão cultural.

Vale ressaltar as metas a serem alcançadas pelo PPP são: elevar taxas de aprovação nas disciplinas críticas; criar foco e comprometimento em torno da urgência na aprendizagem; executar o plano de intervenção de leitura; subsidiar os professores com intervenção pedagógica da prática em sala de aula; elaboração de atividades pedagógicas fora da escola como: aula passeio, visitas ao museu da cidade; resgatar a autoestima do alunado através de conteúdos lúdicos; sensibilizar a inclusão como fator social; Realização de gincana interdisciplinar e cultural, como objetivo de promover integração do educando colocando em evidência a socialização e a troca e conhecimento adquirida na sala de aula; Realização jogos interclasse com objetivo de promover a educação do educando proporcionando a troca de conhecimento e experiência.

A avaliação constante e permanente dentro das reuniões e encontro pedagógico para analisar a execução dos projetos, acompanhamento através de fichas e frequências de andamento da aprendizagem.

A Escola Municipal Mandacaru realiza continuamente avaliação interna de seus trabalhos, principalmente por meio de reuniões com equipe gestora, conselho escolar, onde são discutidas as ações e participação diversas com objetiva de: corrigir falhas e melhorar o plano de ação. A avaliação do projeto político pedagógico é realizada anualmente permitindo acompanhamento de correções durante todo período letivo. Para a escola saber se seus esforços não têm sido em vão e decidir como ajustar suas ações.

Avaliação deverá ser analisada no qualitativo sobre os dados relevantes da realidade, a fim de tomar decisões sobre o que fazer, assim ela fornece subsídios para um novo planejamento. É preciso acompanhar e avaliar as ações definidas, o trabalho coletivo dos professores, pois toda escola deverá ser mobilizada nos sentidos de buscar alternativa de intervenção para mudar o quadro atual e atingir as metas estabelecida no projeto político pedagógica.

A equipe gestora deverá acompanhar e fazer acontecer as ações estabelecidas no projeto político pedagógico bem como o trabalho dos professores promovendo recursos necessários para atingir as metas. Dentro desse contexto a gestão propõe como ações a serem desenvolvidas um trabalho em conjunto para desenvolver com eficácia um ambiente escolar inclusivo e que as relações sejam éticas e democráticas onde as reuniões de atividade complementar são extremamente importantes na construção, para que possam desencadear soluções de problemas existentes, melhor organização e integração entre gestão, professores, e funcionários tendo acompanhamento da equipe técnica da SEDUC.

4.8. Projeto de leitura na escola mandacaru: existe inovação pedagógica?

Um dos propósitos desta pesquisa, conforme apresentado no decorrer da mesma é a inovação pedagógica, entretanto, como ela é compreendida pelos sujeitos envolvidos? Ela estaria sendo aplicada com sucesso na escola pesquisada?

Buscando analisar essa questão a partir das observações, entrevistas e questionários aplicados, bem como do comportamento e atuações das pessoas envolvidas, que visão elas contemplam?

Para melhor analisar essa problemática serão apresentadas algumas concepções teóricas sobre o assunto, para, em seguida poder interpretar com mais segurança as diversas posturas.

Inovação é a palavra do momento, porém, muito se fala e pouco se faz. Nem todos compreendem verdadeiramente seu significado, ficando, na maioria das vezes na superficialidade, remetendo a questões ligadas com as novas tecnologias, aos recursos digitais, às redes sociais e por isso não gera os resultados esperados.

Na visão de Almeida (2017), isso ocorre porque elas não têm sido atreladas ao processo pedagógico propriamente dito, que é o que dá origem à aprendizagem, objetivo final da educação. Ou seja, simplesmente colocar computadores na sala de aula, ou utilizar aplicativos para os estudantes resolverem exercícios, não necessariamente modifica a experiência de aprendizagem dos alunos.

Acrescenta que para que a inovação pedagógica seja reconhecida, precisa trazer melhorias e gerar valor para o processo de aprendizagem em si. Fundamenta a afirmação, exemplificando o fato de que a presença de um quadro interativo pode tornar uma aula mais dinâmica ou divertida, mas não necessariamente irá melhorar a forma como os estudantes aprendem.

O fazer pedagógico é, portanto, grande indicador da inovação pedagógica, e suscita mudanças efetivas nas práticas pedagógica, devendo superar as práticas tradicionais e abrir

espaço para novas ações com um posicionamento crítico dos sujeitos, que deixam de assumir posturas passivas e assumem comportamentos ativos e mais dinâmicos.

Mudar paradigmas culturais não é tarefa fácil, mas quando a pretensão é inovar pedagogicamente é preciso se lançar de maneira intencional, muitas vezes assumindo o desconhecido. Sobre isso, FINO também se posiciona, afirmando que

Inovação pedagógica como ruptura de natureza cultural, se tivermos como fundo as culturas escolares tradicionais. E abertura para emergência de culturas novas, provavelmente estranhas aos olhares conformados com a tradição. Para olhos assim, viciados pelas rotinas escolares tradicionais, é evidente que resulta complicado definir inovação pedagógica e tornar a definição consensual. No entanto, o caminho da inovação, raramente passa pelo consenso ou pelo senso comum, mas por saltos premeditados e absolutamente assumidos em direção aos muitas vezes inesperado. (FINO, 2008, p. 02)

Rodrigues (2018) afirma que a tecnologia não é, por si só, a inovação, por ela está ligada também a metodologias e formas de interação pedagógica que levem cada um ao máximo de seu potencial de aprendizagem e desenvolvimento. Por conta disso, a inovação implica a formação de cidadãos autônomos, interdependentes e pró-sociais.

Menezes apresenta o mesmo pensamento, quando afirma que,

A simples modernização da escola pela introdução de novos elementos, como laboratórios de informática, salas de multimídia, acesso à internet, etc. não torna a escola inovadora. Da mesma forma, o professor que faz uso desses recursos tecnológicos nem sempre pode ser considerado inovador. Muitas vezes, toda essa novidade acaba sendo utilizada da mesma forma que os velhos livros didáticos, ditando as mesmas lições com o visual diferente. (MENEZES, 2003, p. 37).

A esse respeito, em uma aula observada, professora levou o data show, a fim de dinamizar a aula. No entanto, os alunos não conseguiam manter o foco na aula, conversando entre si, enquanto a professora explicava o assunto exposto nos slides. Mais de um aluno comentou que não suportava mais as aulas que utilizavam o data show como recurso didático pedagógico.

Segundo Rodrigues a inovação está relacionada à forma como a escola se organiza e como ela e o professor interagem com todos e com cada um, para que estejam presentes, para que participem no contexto educativo e para que tenham êxito no seu percurso de aprendizagem, independentemente de suas (d)eficiências, (in)capacidades ou (des)vantagens.

Na concepção de Lima (2012), a inovação advém de experiências pedagógicas que concebem o educando como sujeito de suas próprias aprendizagens, capaz de desenvolver suas potencialidades apenas com o auxílio do educador, e não mais sob seu condicionamento.

Chamou muito a atenção sobre a colocação de Lima (2012), quando este afirma que “a Inovação Pedagógica busca repensar e reconstruir toda a estrutura da instituição escolar; refletir essencialmente sobre de que forma o educador pode favorecer o crescimento dos sujeitos sociais, e libertar as ações dentro e fora dos muros da escola e transcender o ato de educar também a momentos do cotidiano em uma escola dentro e fora do espaço escolar”.

Exatamente nesse ponto, confrontamos o conceito de inovação escolar com a prática estabelecida na escola pesquisada, desde a experiência da professora que aplicou o projeto sugerido, com uma metodologia motivadora, estimulando a participação de seus alunos com aulas dinâmicas e variadas, saindo algumas vezes da escola e explorando outros universos, para, a partir daí motivar a turma a ler e escrever mais. Propostas de inovação realizadas pela pesquisa: leituras nos horários vagos e nos intervalos entre as aulas (Imagem 4); utilização das artes cênicas para interpretação de obras (Imagem 5).

Imagem 4. Alunos realizando leituras no período de intervalo entre as aulas.



Fonte: Maria das Grotas - 2018

Imagem 5. Utilização das artes cênicas para interpretação de obras.



Fonte: Maria das Grotas – 2018

É indiscutível a necessidade de um maior investimento na inovação pedagógica. A respeito desse assunto Mitrulis (2002), retrata a sua abordagem, alegando que:

A inovação (...), não se refere à novidade em si, seu conteúdo, requer a uma operação de retorno. Inovar significa introduzir em determinado meio algo que foi inventado, descoberto, criado anteriormente. Seu papel consiste em integrar, assimilar, adaptar novidades importadas de outros lugares. Inovar é um processo de tradução, de decodificação da novidade pura em novidade aceitável, passível de ser aplicada, com o objetivo de melhorar aquilo que existe, de introduzir em dado contexto um aperfeiçoamento, um melhor saber, um melhor fazer e um melhor ser. Diferentemente da descoberta, da invenção e da criação, que são produções que não têm necessariamente outra finalidade que elas próprias, a inovação traz embutida a ideia de estratégia de ação e é regida por objetos práticos. A ação inovadora é da ordem da aplicação, entendida esta como resultado de uma ação determinada, mas de um processo. (MITRULIS, 2002, p. 231).

A disponibilidade dos que estão na área é o principal requisito para dar passos na proposta de inovação pedagógica, principalmente relacionada à leitura, que é tão importante na formação cidadã, não precisando de grandes empreendimentos, nem grandes esforços, necessitando apenas se comprometer em investir nas mudanças operacionais e nas posturas diante dos desafios que por ventura surjam na caminhada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto foi explorado, descrito e explicado, assim como as contextualizações, análises e interpretações, já seria possível concluir se existe, de fato, inovação pedagógica no incentivo à leitura na escola pesquisada? Caso positivo, quais são os indícios? Em caso negativo, o que é necessário fazer para que ela deixe de ser um propósito e torne-se realidade?

As observações realizadas, as entrevistas aplicadas e os questionários, além da pesquisa bibliográfica, promoveram o cultivo do diálogo entre teorias e prática, unindo o saber científico e o empírico, sem esquecer os paradigmas culturais, despertando a necessidade de novos estudos para continuar acreditando que não basta mudar, fazer diferente, é necessário abrir-se ao novo, com atitudes e ações, com compromisso e responsabilidade, para alimentar a esperança de uma juventude que espera por novas oportunidades, para construir um futuro melhor, onde a educação é o único caminho para a transformação de uma sociedade desigual.

Notou-se que apenas uma entre todos os professores fez sua parte, mas será que “*uma andorinha só pode fazer verão*”? Por que ao invés de trabalhar sozinha, de forma isolada, todos não se uniram, atraindo também os pais e comunidade para estimular a mudança da prática escolar e não apenas isoladamente uma sala de aula?

Que nada “*roube*” os sonhos de famílias, crianças, jovens e adultos de ter na educação o maior investimento de suas vidas e que a leitura seja o fertilizante, cujo potencial possa abrir novos horizontes, alargar fronteiras, derrubar obstáculos, “*abrir*” os olhos de tantos “cegos”, abrir mentes fechadas e transformar sujeitos-objetos em sujeitos protagonistas de suas histórias e de suas vidas.

Que o comodismo existente em muitos profissionais de educação, principalmente os que esperam apenas o salário no final do mês, torcendo para completar o tempo de serviço para se aposentarem, seja transformado em disposição, coragem, entusiasmo, estudos, responsabilidade e principalmente em compromisso com a causa da educação, que permeia pelos campos da leitura.

Sem esses “ingredientes” o “bolo educacional” não vinga, não agrada ao paladar e nem alimenta a ninguém, pelo contrário, pode provocar indigestão, intolerância, prejudicando a saúde e destruindo a vida.

Não é pequena a responsabilidade de quem ingressa nessa tarefa de educar. É preciso ter um olhar para o outro e para si mesmo, se autoavaliando por meio que possibilite avaliar a sua contribuição no processo formativo dos seus alunos, para perceber até que ponto contribui na formação de seus alunos ou prejudica-os.

E para nós pesquisadores fica a lição de que precisam sair de si mesmos e de suas verdades, e, com objetividade, buscar a serenidade para não se deixar levar por falsas impressões, mas que estas possam ser confrontadas e comprovadas, a fim de tornar-se um cientista sério, respeitado, que contribui para a construção de novos conhecimentos e novos aprendizados.

No entanto, apesar da pesquisa científica pautar-se na objetividade e na precisão, quando o assunto é educação, o coração e a alma transbordam, pois somente os que a fazem de corpo e espírito conseguem atingir o âmago do ser humano, suas angústias, seus anseios e perspectivas, alcançam o invisível e conseguem tocar no mais profundo do ser, despertando capacidades e talentos muitas vezes adormecidos.

Não que a técnica não seja importante, mas ela só funciona se o educador conseguir enxergar para além das aparências, confirmando o que prega Saint Exupery na fala do *Pequeno Príncipe* quando diz que “*o essencial é invisível aos olhos, só se vê bem com o coração*”.

Cada curso é mais uma oportunidade de crescimento em todos os aspectos, não apenas um título a mais no Curriculum Vitae com vistas a um retorno financeiro ou social, mas que gere transformação em si mesmo, para posteriormente contribuir com a transformação dos outros, e consequentemente, do mundo.

Em muitas escolas existem sementes plantadas, que precisam de cuidado para poderem germinar e produzir bons frutos, mas existem também ervas daninhas, nem sempre reconhecidas, pois muitas vezes ficam camufladas. Elas são nocivas e, se não arrancadas podem pôr todo o cultivo a perder. Muitas delas são os professores insatisfeitos, irritados, impacientes, desumanos, sem vocação, egoístas, “cegos intelectualmente”, “doentes” da alma e de mal com a vida.

Estas (ervas daninhas) não são apenas professores, mas todo e qualquer *profissional escolar* que não honre com dignidade a missão que cabe a todo aquele que penetrou nos “*solos sagrados*” do saber para cumprir aquilo que lhes é atribuído.

Os conhecimentos são luzes que iluminam o caminho, mas somente a teoria não consegue adentrar o mais íntimo do ser humano; é preciso valer-se das competências (conceituais, procedimentais e atitudinais) e habilidades necessárias para o aproveitamento esperado dos mesmos, revestindo-se de atitudes decentes e valores nobres, sem subestimar os outros, mas respeitando-os e ajudando-se mutuamente.

Portanto, não basta adquirir o *saber*, é preciso também *saber fazer* e *saber ser*. Esse tripé é, certamente uma base firme onde a construção dos conhecimentos pode ser edificada,

sendo fortalecida com a presença da família e da comunidade na escola. Somente com a participação ativa a inovação pode acontecer de maneira mais efetiva.

As autoridades políticas e governamentais não estão isentas do compromisso que abraçaram, nelas, o compromisso é multiplicado e precisa ser cobrado, afinal não representam os interesses das pessoas gratuitamente, mas tem a obrigação de investir todos os esforços pensando sempre nos outros. E, para abraçar a causa da inovação pedagógica, não é preciso muito, basta almejar alcançar resultados mais ousados, que mobilize a todos numa campanha de transformação de alunos objetos em alunos que sejam sujeitos e protagonistas de suas histórias e de suas conquistas.

O grande problema da sociedade é escolher democraticamente seus representantes, aqueles que precisam cuidar e defender seus interesses, e depois se omitem da missão de acompanhar e exigir que seus direitos sejam respeitados. Essa é uma das causas da corrupção e do descaso de políticos e governantes que se sentem proprietários daquilo que não lhes pertence, buscando atender os próprios interesses e de seus coligados.

Daí, a injustiça social é promovida, criando um grande abismo entre as classes sociais, arrancando direitos e massacrando ainda mais quem já é massacrado, num movimento cruel de decisões e medidas medíocres e injustificáveis, abusando do poder que lhes é atribuído. Devido a isso, pessoas são contratadas na educação sem a menor compreensão ou domínio da área, enquanto outros se acomodam, deixando o ambiente escolar sem nenhum atrativo eficaz no despertar da aprendizagem.

Somente a educação poderá mudar essa realidade, mas para que isso deixe de ser uma utopia, a mudança deve acontecer em cada pessoa que escolheu esse caminho (da educação) para trilhar, de dentro pra fora, e nenhuma luz acesa traz trevas, pelo contrário, onde estiver presente, ilumina, e quanto mais intenso é seu brilho, mais longe destrói a escuridão. E, tal qual uma vela acesa consegue acender as demais, cada profissional tem o poder de contagiar aos outros, num movimento crescente de união, e assim, de *mãos dadas*, fazer a inovação acontecer de fato.

De pouco a nada adiante investir em tecnologia, em recursos audiovisuais, na aquisição do ter, quando o ser é deixado em segundo plano, sem motivação nem participação. A proposta de se formar cidadãos críticos, conscientes e autônomos dificilmente será concretizada.

A inovação pedagógica na leitura é possível, prova disso é o trabalho aplicado pela professora, que não se omitiu, nem cruzou os braços diante da perspectiva de mudar a realidade de sua turma e poder transformar sonhos em realidade.

Todas essas analogias serão compreendidas por quem de fato fez da leitura a sua tocha, a sua luz. Que ela inspire cada vez mais pessoas e possa ser um vírus espalhado descontroladamente no seio da sociedade e do mundo. Quisera que todos fossem contagiados por esse vírus!

REFERÊNCIAS

- ABAURRE, Maria Bernadete. [et al]. **Leitura: teoria e prática**. Campinas, SP. 1998.
- ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Práticas de leitura para neoleitores**. 2 ed. Rio de Janeiro, RJ: Wak Editora, 2010.
- ANDRÉ, Marli Eliza D. Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus Editora, 17ª ed., 2010
- ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores: orientações para o trabalho com a literatura infantil**. São Paulo, SP: Global, 2015.
- AUSUBEL, David P. **Aquisição e Retenção de Conhecimento: Uma Perspectiva Educacional**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Interamericana Ltda., 1980.
- _____; NOVAK, Joseph D.; HANESIAN, Helen. **Psicologia Cognitiva**. 1ª ed. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 1980.
- BALDI, Elizabeth. **Leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**. Porto Alegre, RS: Editora Projeto, 2009.
- BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. 7 ed. São Paulo, SP: Ática, 2002.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Perspectiva, 1977.
- BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Portugal: Porto Editora, 1994.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.
- _____. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, MEC, 2018.
- BRISTOL, Brian. **Por que amamos ler?** São Paulo, SP: Novo Conceito, 2008.
- ESCOLA MUNICIPAL MANDACARU. **Projeto Político Pedagógico**. Juazeiro, Ba: SEDUC, 2018.
- EVANGELISTA, Aracy Alves M. [et al]. **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- FACHIN O. **Fundamentos de metodologia**. 5 ed. São Paulo: Saraiva, 2006
- FINO, C. N. **Um novo paradigma (para a escola); precisa-se**. In FORUMa – Jornal do Grupo de Estudos Clássicos da Universidade da Madeira, 1-3. Funchal: Universidade da Madeira, 2001.

_____. **Investigação e Inovação (em educação)**. In Fino, C.N & Souza, J.M. Pesquisar para mudar (a educação). Funchal: Universidade da Madeira- CIE – UMA, 2011.

_____. **Inovação Pedagógica: Significado e Campo (de Investigação)**. In Alice Mendonça & Antonio V. Bento (Org.). Educação em Tempo de Mudança (pp.277-287) Funchal: Grafimadeira, 2008.

Disponível em: < <http://www3.uma.pt/carlosfino/publicações.http>>. Acesso em 15 jul.2018.

_____. O futuro da escola é o futuro. In A. Mendonça (Ed.) **O Futuro da Escola Pública** (pp. 63-71). Funchal: Universidade da Madeira - CIE-UMa. 2013

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIACHINI, A. M. et al., **Projeto: Leitura na Escola**. Xaxim, 2013. Disponível em: <<http://tecnologiaempensamento.blogspot.com.br/...>>. Acesso em: 09 nov. 2019

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M.C.S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 32.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

KATO, Mary. **O aprendizado da leitura**. 6 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

KHUN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10 ed. São Paulo, SP: Perspectiva, 2011.

KLEIMAN, A. B.; Moraes, S. E. **Leitura e Interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1999.

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura: teoria e prática**. 13 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

_____. **Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura**. 14 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura?** São Paulo: editora brasiliense s.a., 1988.

_____. Do mundo da leitura para a leitura do mundo. In: ZILBERMAN, Regina. (Org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. São Paulo: Ática, 2002.

LAPASSADE, Georges. **As microssociologias**. Trad. Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2005.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola: o real, o possível e o necessário**. São Paulo, SP: Artmed, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LIMA, M.S.G.F. **Inovação Pedagógica**. 2012. Disponível em: <http://inovacao-pedagogica.blogspot.com/A>. Acesso em 14/06/2019

- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D.A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986
- MACEDO, R. S. **A etnopesquisa crítica e multireferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2000.
- MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- MENEZES, P. **Tradição e Inovação no Ensino de Física: grupos colaborativos de professores dando estabilidade a mudanças. Dissertação (Mestrado em Educação)**. Belo Horizonte: UFMG/FaE, 2003
- MINAYO, M.C.S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 32 ed. Petrópolis, RJ, Vozes, 2012.
- MITRULIS, E. Ensaio de Inovação no Ensino Médio. **Cadernos de Pesquisa**. N. 116, p. 217-244, jul. 2002.
- MORIN, E. **Ciência com consciência**. 15 ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2013.
- MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo, SP: Cortez, 2011.
- PAPERT, S. **A máquina das crianças: repensando a escola na era da informática**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2008.
- PARANÁ. **Projeto de leitura**. Disponível em:
<<http://www.uvasaocristovao.seed.pr.gov.br...>>. Acesso em: 05 set. 2013
- PIAGET, J. **Coleção Educadores**. Recife, PE: Editora Massangana, 2010.
- RIBEIRO, E. **A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa**. In: **Evidência, olhares e pesquisas em saberes educacionais**. Número 4, maio de 2008. Araxá. Centro Universitário do Planalto de Araxá.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.
- RODRIGUES, J. S.; PEREIRA, L. C. **Projeto sala de leitura: da emoção de ler a descoberta do prazer**. Disponível em: <<http://escoladomangelofrosi.blogspot.com.br/...>>. Acesso em: 07 nov. 2019
- RODRIGUES, L. M. L. **Inovação Pedagógica: caminhos para uma educação para todos e para cada um**. Disponível em: <<https://diversa.org.br/artigos/inovacao-pedagogica-caminhos-para-uma-educacao-para-todos-e-para-cada-um/>> Publicado em 05/05/2018. Acesso em 11 /05/2019
- RODRIGUES, N. **Por uma nova escola: o transitório e o permanente na educação**. 9 ed. São Paulo, SP: Cortez, 1993.
- SARAIVA, J. A. **Literatura e alfabetização: do plano de choro ao plano da ação**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2001.

SILVA, Ezequiel Theodoro. **O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura.** 5.ed. São Paulo: Cortez: Autores associados, 1991.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SOUZA, R. J. de. **Biblioteca escolar e práticas educativas: o mediador em formação.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

SOLIGO, Rosaura. **Letramento e alfabetização.** III Seminário para Altos Directives de las administraciones educativas. Jun.1999

SUASSUNA, L. **Ensino de língua portuguesa: Uma abordagem pragmática.** 13 ed. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

TOFFLER, A. **O choque do Futuro.** 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1970.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7 ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2007.

WILSON, M. **A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca.** 3 ed. São Paulo, SP: Ática, 2001.